



ZERO

CURSO DE JORNALISMO - FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 2007 - ANO XXV - Nº 3

Justiça é cega, mas não é boba



EVANDRO BORDIGNON

AUDIÊNCIA PÚBLICA
COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA
PARTICIPAÇÃO, TRANSPARÊNCIA E CIDADANIA

Em proposição à Assembléia Legislativa, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina conseguiu a aprovação para a criação de mais 10 cargos de desembargadores, que custarão 7 milhões aos cofres estaduais anualmente. Cada desembargador contará com 6 assessores de sua confiança, indicados sem a necessidade de concurso público. Em oposição, o Sindicato dos Servidores do Judiciário defende que o aumento de cargos deveria ser para a justiça de primeiro grau.

RECESSO Parlamentares se apressaram em votar o projeto de lei que foi aprovado pelos 35 deputados presentes

PÁGINA 8



Artes marciais
ajudam no combate
ao estresse

PÁG. 15



ENTREVISTA: Nilson
Lage fala sobre a
falta de esperança

PÁGs. 3 e 4



Servidores em greve
debatem sobre a
segurança na UFSC

PÁG. 10



Aterros são
alternativa para o
crescimento

PÁGS. 6 e 7

Uma edição democrática

Enfim, mais um semestre está terminando. Desta forma, na nova configuração do **Zero** como disciplina, encerra-se a experiência do jornal laboratório para mais uma equipe de futuros jornalistas. Com um visual novo, um enfoque voltado à experimentação e à tentativa de colocar em prática os conhecimentos acumulados pelos alunos até esse momento de sua caminhada acadêmica, o **Zero** é uma boa mostra do potencial daqueles que se envolveram e se comprometeram em escrever mais uma página na história dos 25 anos deste jornal. Entre erros e acertos, entre dúvidas e certezas, de ilusões à realidade, quase todos saem com uma compreensão do processo completo da produção jornalística impressa.

Entre as edições desse semestre esta parece ser a mais democrática. Voltamos à configuração original em preto e branco e o que parece é que o jornal e a equipe começaram a ficar mais consistentes. O leitor vai encontrar em nossas páginas um conteúdo bem diversificado. Com pautas que nos conduzem

à reflexão e ao esclarecimento, como a matéria sobre o aumento no número de cargos de desembargadores do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, que representará um gasto anual de 7 milhões com apenas 10 servidores do judiciário. Enquanto servidores técnico-administrativos da Universidade Federal, em greve há 7 semanas, tentam sensibilizar o governo e mobilizar a própria classe em defesa de seus direitos e de uma condição mais digna de vida.

O padrão de uma página para a entrevista, desta vez foi ampliado. Nosso entrevistado é o mestre Nilson Lage, que nos emprestou nos últimos 15 anos um pouco do conhecimento acumulado em mais de cinco décadas de atividade profissional. Em uma nota de pesar também prestamos nossa homenagem à coragem e ao idealismo de um dos grandes fotógrafos contemporâneos que nos deixou há tão pouco tempo. Olívio Lamas resiste em nossa contra capa onde republicamos a foto vencedora de um prêmio Esso.

Cobrimos também um

dos mais badalados eventos de moda do país, o São Paulo Fashion Week, com uma visão jornalística de todos os "babados" e algumas "roubadas".

Matéria sobre cultura é o que não falta nessa edição. Esse é o tema que reavivamos na editoria dos 25 anos do **Zero**, lembrando uma edição sobre os projetos culturais no estado e apresentando as alternativas atuais aos produtores artísticos. Para quem curte de samba temos a matéria sobre um importante reduto do samba raiz em Florianópolis, o Bar do Tião. E para quem gosta de artes plásticas temos Martinho de Haro.

Na matéria sobre os aterros que estão ampliando a Ilha de Santa Catarina, apresentamos as alternativas para o que o crescimento desorganizado pensa ser a solução da cidade. Mas o que continua sem uma solução definitiva é o problema da falta de segurança que atinge toda a grande Florianópolis. Nessa edição discutimos essa questão na UFSC, que não passa incólume.

Obrigado e parabéns a todos. Boas férias e boa leitura!

LUCAS NEUMANN



JULIANA SAKAE / AG. ENSAIO FOTOJORNALISMO

Barricada

Na quarta-feira, 18 de julho, as portas do Departamento de Administração Escolar (DAE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) amanheceram lacradas por faixas de protestos. Ninguém pôde entrar no Departamento responsável por processar as médias e realizar as matrículas dos estudantes. Os servidores técnico-administrativos, em greve há quase dois meses, decidiram fechar o DAE para tentar inviabilizar o início do segundo semestre letivo de 2007. Uma tenda e três barracas de acampamento foram armadas no local. A idéia é ficar em vigília 24 horas em frente ao setor.

Para chamar a atenção da mídia e da própria comunidade universitária, conforme explicou um dos servidores, o principal acesso à UFSC também foi bloqueado com mesas, cadeiras e galhos de árvores. Os motoristas que passavam pela rótula da rua Lauro Linhares se surpreenderam com a barricada e muitos deles tiveram que alterar o itinerário.

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO
Curso de Jornalismo da UFSC
Florianópolis, julho de 2007
Ano XXV • Número 3
Fechamento: 19 de julho

REDAÇÃO DO JORNAL
Curso de Jornalismo
UFSC - CCE - JOR
Trindade - Florianópolis, SC
CEP 88040-900

EDIÇÃO

Ariela Diniz • Bruna Wagner
Dalmo Borba • Daniela Kirst • Heitor
Cardoso • Isadora Peron • Fernanda
Fava • Fernanda Peres • Talita Garcia

ILUSTRAÇÃO

Jonathas Mello • Lucas Neumann

EDITORIAÇÃO

Andressa Taffarel
Tiago Agostini • Vanessa Campos

FOTOGRAFIA

Agência Ensaio Fotojornalismo
Bruna Wagner • Heitor Cardoso
Isadora Peron • Jonathas Mello
Raquel Pereira • Taise Bertoldi

REPORTAGEM

Andressa Taffarel • Annelise Conti
Evandro Bordignon
Felipe Monteiro • Heitor Cardoso
Isadora Peron • Ivan Favero
Jonathas Mello • Lucas Neumann
Patrícia Pratts • Priscila Grison
Raquel Pereira • Taise Bertoldi
Vanessa Campos

AGRADECIMENTOS

Agência Ensaio Fotojornalismo
Alexandro Vanin e equipe
Carlos Stegemann
Mauro Cesar Silveira

PROFESSOR COORDENADOR

Lucio Baggio

MONITORIA

Tiago Agostini

INFORMAÇÕES

IMPRESSÃO: Diário Catarinense
CIRCULAÇÃO: Nacional
DISTRIBUIÇÃO: Gratuita
TRAGEM: 5.000 exemplares

TELEFONES

+55 (48) 3721.6599 • 3721.9490
3721.9215 • FAX: 3721.9490

NA INTERNET

SITE: www.zero.ufsc.br

CIRCULAÇÃO: zero@cce.ufsc.br

★★★★★

Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV e XI
Set Universitário / PUC-RS
1988, 89, 90, 91, 92 e 98

★

3º melhor
Jonal-laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994

★

Melhor Jornal-laboratório
I Prêmio Foca

Sind. dos Jornalistas de SC, 2000

“Os alunos de hoje perderam a esperança”

Com 71 anos, mais de 50 deles dedicados ao jornalismo, o professor Nilson Lage fala de tecnologia, verdade e poder sinistro

LUCAS NEUMANN E PRISCILA GRISON

O professor Nilson Lage se aposentou este ano, após passar 15 anos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No entanto, faz questão de deixar claro que não parou por vontade própria. Acredita que aos 71 anos ainda está lúcido para trabalhar e não pensa em pendurar as chuteiras tão cedo. Não foi preciso muito esforço para comprovar isso. Nas duas horas de entrevista concedida ao **Zero**, falou sobre diversos assuntos, desde sua trajetória profissional, o ensino nas universidades e o futuro do jornalismo. Com a experiência de quem trabalhou em publicações como *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora* e *O Globo*, critica o despreparo dos jornais atuais e também a dificuldade dos jornalistas em adaptar a tecnologia no exercício da profissão.

Autor de seis livros na área, dedica-se às aulas no mestrado em Gestão do Conhecimento na Engenharia de Produção da UFSC e, no próximo semestre, será professor do novo mestrado em Jornalismo da Universidade.

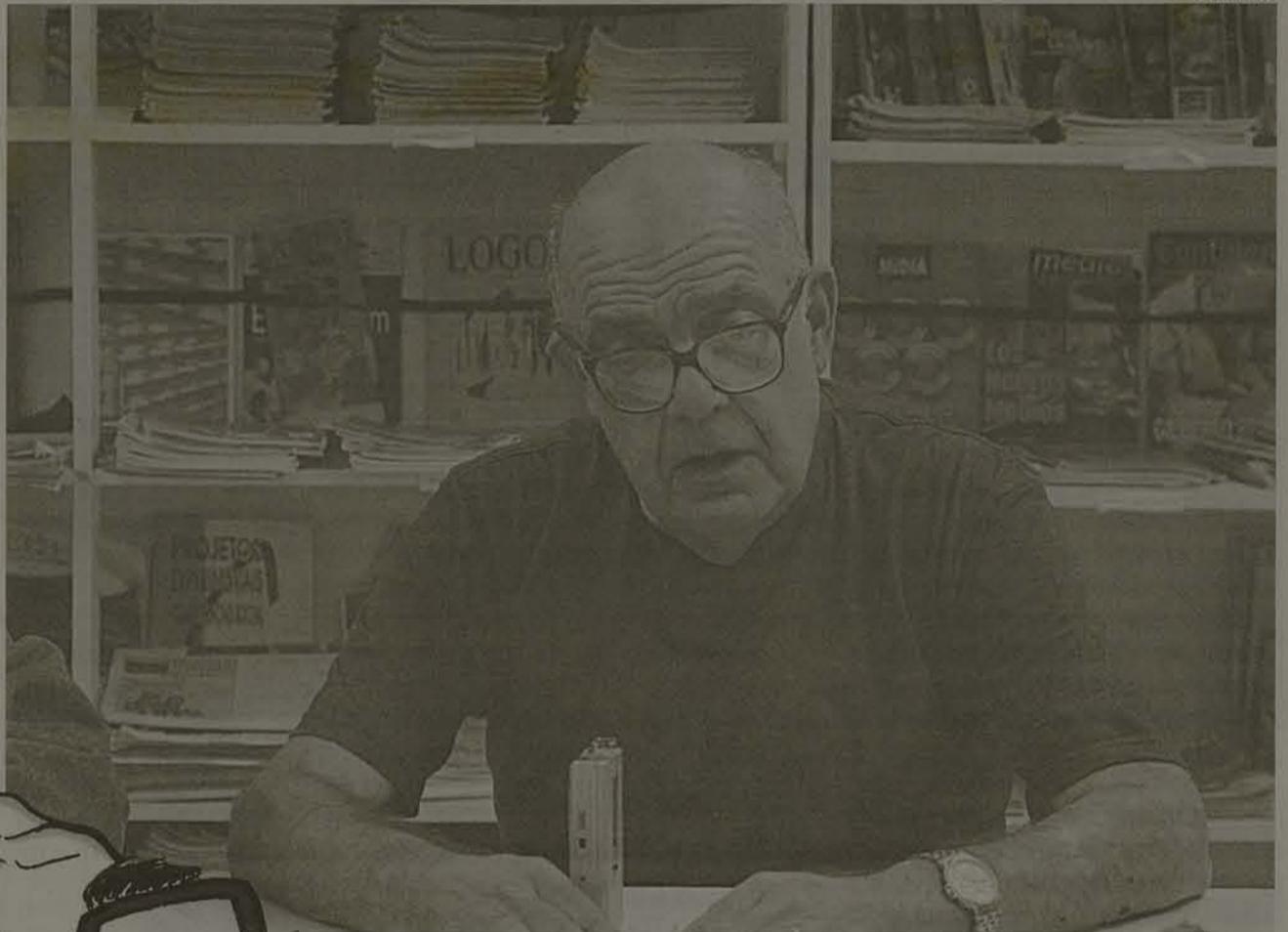
Lá ministrará conteúdos sobre texto jornalístico, sua especialização. Baseado em sua convivência com a academia, resultado dos anos como professor na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na UFSC, Lage destaca as diferenças entre os estudantes da sua época e os atuais: para ele, o que os alunos de agora perderam foi a esperança.

Zero: Por que você não queria se aposentar?

Nilson Lage: Olha, o instituto da aposentadoria é um instituto falido. Primeiro porque cada profissão tem um limite de idade previsível. Uma bailarina vai trabalhar até os 50 anos, um professor pode ir até os 80, a questão toda é a saúde da pessoa. Entendo que um grande número de pessoas não tenha discernimento para saber se está lúcido ou não. Suponho que eu não me veja tão pouco lúcido assim. Agora vou fazer o que for possível, vou tentar encontrar outro nicho, dar umas aulas no mestrado. No mestrado em Jornalismo, por exemplo, que começará no próximo semestre, vou dar aula sobre estilo de texto, minha especialização, e na Engenharia de Produção vou trabalhar com teoria da informação.

Z: Qual a ligação entre engenharia e jornalismo, áreas tão diferentes e aparentemente distantes?

NL: Lá na engenharia vou mostrando que as áreas de humanas e de exatas no fundo são a mesma coisa. A área de humanas tem forte preconceito com as exatas e as exatas



LIVROS Nilson Lage foi um dos primeiros a teorizar sobre jornalismo no Brasil

partem de um princípio de que as coisas são ou não, e isso não é verdade. Nas humanas não, as coisas são mais ou menos.

Por outro lado, há um teorema, matemática puríssima, que diz que todo sistema em que uma proposição se explica pelas outras, haverá pelo menos uma que ninguém explica. A língua funciona assim. Por exemplo, o que é correr? Correr é deslocar-se sobre um plano em velocidade relativamente alta. Então você tem definições claras. Agora, o que é fofo, o que é vermelho? Para isso você não tem definições, o dicionário não diz o que é fofo, não diz o que é vermelho. Você tem que sentir. Existem alguns conceitos que são imaginários.

Z: Você tem preferência por textos curtos ou longos?

NL: Essa história de textos curtos é uma história que eu empaco. No *New York Times*, eles pegam um assunto e fazem matérias extensíssimas, reportagens de página inteira. Vou contar uma delas que eu acho maravilhosa. Uma universidade para negros do Sul dos Estados Unidos entrou com uma ação judicial para receber os mesmos recursos que a Universidade do Mississippi. Isso aconteceu em 1970 quando veio aquele movimento de integração racial. Essa sentença se arrastou e em 1992 teve ganho de causa. Em 2002, a Suprema Corte definiu que a universidade deveria receber todos os atrasados daqueles 30 anos, desde que ela tivesse 10% de alunos brancos. Ela divulgou isso no país inteiro, mas os alunos não apareceram. A solução que eles en-

“ O sinistro é essa ascensão da destruição pela destruição. O sujeito que amarra uma bomba na cintura tem muito mais razão para fazer isso do que quem joga uma bomba atômica em uma cidade ”

contraram foi chamar um russo que jogava basquete e junto com ele trazer um bando de russos. No jornal, essa história é contada com muitos detalhes, aí você consegue enxergar o quadro de uma sociedade completamente diferente do que você teria em uma matéria curta.

Z: Você acha que os textos estão cada vez menores porque falta interesse de quem lê ou de quem faz as matérias?

NL: De quem faz. Falta competência para fazer uma matéria mais comprida e bem escrita.

Z: Não seria papel da universidade ensinar essa competência aos futuros jornalistas?

NL: Não. Isso é uma coisa de treinamento. Você vai ter essa competência, mas vai ter que capinar muito para isso. A universidade dá o conhecimento das técnicas básicas, como redação impressa, redação de chamadas, titulação, o *lead*, texto de revista, texto narrativo, expositivo. Ela estimula o indivíduo a entrar em um universo diferente, a se interessar por coisas que antes ele não se interessava. Assuntos que você não se interessaria, de repente passa a gostar. Na minha opinião, a teoria que cabe nas escolas de jornalismo é ensinar que informação se baseia na lógica, porque só a lógica mostra a inconsistência dos fatos. Vamos supor que eu diga assim: a mulher se libertou na época da Segunda Guerra Mundial. Na verdade ela foi forçada a se libertar, a abrir mão dos filhos, a ter uma vida inteiramente chata, sem filhos e sozinha. Você pegou a mulher na idade fértil e a pôs

Dael Limaco



RACIOCÍNIO Para Lage, informação se baseia em lógica. Sem ela, não percebemos a inconsistência dos fatos

para trabalhar. Mas, quem ganhou com isso? O empregador que duplicou a massa trabalhadora. Antes tinha 10 homens para sustentar 10 famílias, agora tem 20 pessoas para 10 famílias, então agora ele pode pagar só a metade. Não estou dizendo que essa situação não tem solução. Poderia ter sido feita uma legislação social completamente diferente, que beneficiasse a mulher. Por exemplo, quando ela tivesse um filho, poderia ficar dois anos com a criança. Ou você tem a capacidade de desenvolver esse tipo de raciocínio, ou não é bom profissional. Tem que começar a desconfiar de tudo o que é dito, afinal, ninguém diz a verdade honestamente, as pessoas dizem para convencer.

Z: Por que os jornais deixaram de lado os textos longos e opinativos e passaram a produzir notícias no formato da pirâmide invertida?

NL: Pense assim: por que um programa como o Cidade Alerta não tem muito anúncio? Ele tem uma audiência grande, mas ninguém quer associar seu produto àquilo. Isso levou os empresários à necessidade de fazer um novo jornal. Foi por pressão da sociedade mesmo, o que resultou na tentativa de padronização do texto, procurando evitar intervenções de opinião, mais próximo da realidade. Para isso, foi usado o paradigma das ciências exatas. O conceito de verdade em jornalismo é o mesmo que na ciência: a adequação do enunciado à coisa. Mas existe a verdade arbitral, que depende do júri; a verdade religiosa, que é uma revelação; e existe a verdade publicística, resultado de um discurso. Então você tem "n" verdades. Claro que hoje houve algumas alterações.

O texto curto é muito interessante para a primeira notícia, a notícia que vai para a internet, ou para um jornal especializado. Quando a notícia já é conhecida, que é o caso corrente, por causa

“ O jornalista tem que começar a desconfiar de tudo o que for dito, ninguém diz a verdade honestamente, as pessoas dizem para convencer ”

da internet, você tem que fazer um aprofundamento, pegar um fato e inseri-lo no texto.

Z: E os jornais fazem isso?

NL: Os jornais não estão sabendo usar a tecnologia para fazer matérias mais investigativas.

Z: E como o jornalista poderia utilizar a tecnologia a seu favor?

NL: Se você tiver um banco de dados bom, e se a Mesquita Vermelha [no Paquistão] for invadida, em

15 minutos você tem a matéria pronta. A informação é abundante, o negócio é chegar até ela. Tudo isso você pode fazer com a tecnologia de banco de dados. Depois, você deve separar por assuntos específicos, por áreas de cobertura, e ir cultivando este banco. Quando ocorrer um conflito na África, vai cultivando. O dia que acontecer alguma coisa naquele continente, você tem um material fantástico acumulado no banco de dados.

Z: O Brasil tem algum jornal que trabalhe com tecnologia?

NL: Temos algumas coisas, mas muito pouco. O que existe são acervos sobre pessoas como, por exemplo, sobre o arquiteto Oscar Niemeyer. Em matéria econômica há estimativas de crescimento populacional nos próximos 50 anos comparado com outros países. É só acessar o site do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], pegar os números e escrever. Seria legal um infográfico para visualizar esses dados, mas raramente se faz e, quando se faz, é preciso pedir com uma antecedência gigante. Você não tem uma interação do pessoal da informática com o pessoal da redação para os dois trabalharem juntos, criando infográficos ágeis e oportunos rapidamente.

Z: Você acredita que o processo de produção de notícia está defasado?

NL: Totalmente defasado. Este é um processo baseado no texto, no talento individual, claro que isso é muito importante, mas não é tudo. Até porque em breve você vai ter uma situação em que todas as mídias estarão juntas. Então, você vai escrever o texto e pode complementá-lo com um arquivo em áudio, uma imagem em vídeo ou parada. Tudo ficou muito mais complicado, existe muito mais informação para passar. Vocês têm muito mais informação do que eu tinha quando era jovem.

Z: Então o estudante de hoje leva vantagem em relação ao aluno do passado?

NL: Olha, acho que leva. Mas ele perde um pouco na capacidade de relacionar as coisas. O principal que ele perde, algo meio chato de se dizer, é a esperança. A minha geração era uma geração de pessoas que acreditavam. Eu fui um estudante que participava da campanha "O petróleo é nosso". A primeira linha era dos generais do Clube Militar, depois os estudantes do Colégio Militar, os universitários e o sindicato de operários. Era um país imbatível. Agora, vocês pegaram um mundo muito cínico, extremamente desanimador. Não é só aqui no Brasil, e sim no mundo todo. É um crescimento do poder sinistro.

Z: Poder sinistro?

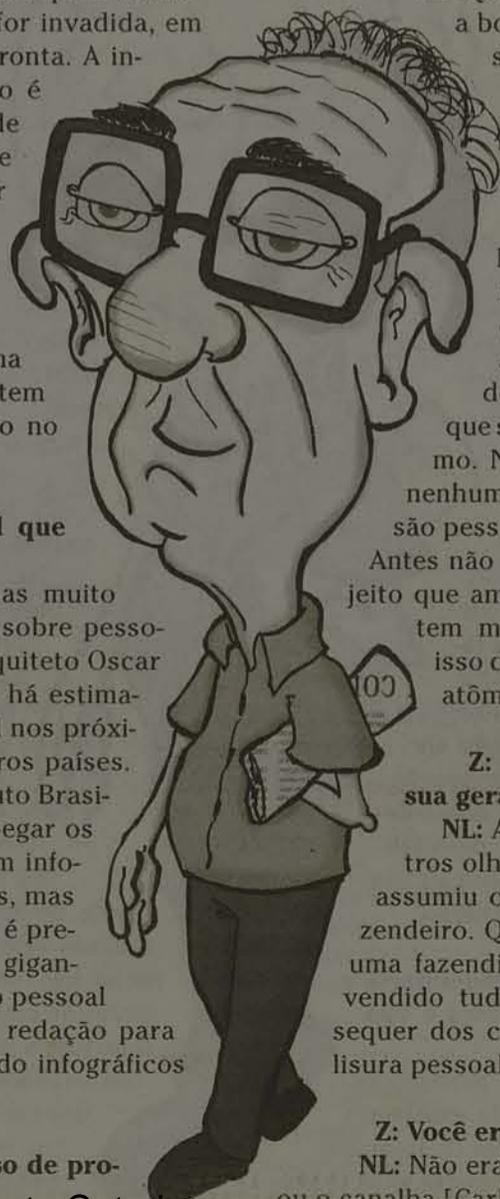
NL: É, veja uma coisa. Hoje nós assistimos a algo coisa chamado terrorismo de massa. Primeiro foi Guernica, cidadezinha espanhola de 4 mil habitantes. Mil aviões estouraram a cidade inteira. Em seguida teve o bombardeio de Varsóvia. Eles tinham se rendido, a cidade estava aberta, mesmo assim eles arrasaram totalmente o lugar. Aí veio o bombardeio de Berlim. Por que falo dele? Porque não tinha nenhum objetivo estratégico bombardear aquele lugar. Era uma cidade-hospital que os alemães tratavam com todo o respeito, cumpriam todo o ritual, conforme o determinado pela Conferência de Genebra. Aí você tem as bombas nucleares. Quando os americanos jogaram a bomba em Hiroshima, eles não sabiam o que ia acontecer porque não se havia jogado bomba em nenhum outro lugar. Mas, porque jogaram uma em Nagasaki se já sabiam o que ela fazia? Não havia objetivo militar nenhum. O único objetivo era causar dano e sofrimento. O sinistro é essa ascensão da destruição pela destruição, que só poderia resultar nisso mesmo. Não há grandeza nenhuma em nenhum desses caras que estão aí, são pessoas com interesses menores. Antes não era assim. No entanto, o sujeito que amarra uma bomba na cintura tem muito mais razão para fazer isso do que quem joga uma bomba atômica em uma cidade.

Z: E o que dava esperança a sua geração?

NL: A realidade era vista com outros olhos. O Getúlio Vargas quando assumiu o governo era um grande fazendeiro. Quando ele morreu, ele tinha uma fazendinha pequena, porque tinha vendido tudo. Nunca tirou um tostão sequer dos cofres públicos. Nunca. Uma lisura pessoal absoluta.

Z: Você era partidário do Getúlio?

NL: Não era partidário, é que era ou ele ou o canalha [Carlos Lacerda], né? (risos)



Cultura da burocracia na Capital

Produtores não sabem como usar as leis de incentivo para concretizar suas idéias

JONATHAS MELLO



Além de uma idéia na cabeça, é preciso conhecer as fontes de financiamento para levar adiante um projeto cultural. Existem leis municipais, estaduais e federais que facilitam a captação de recursos, porém produtores culturais ainda não estão habituados à burocracia necessária.

A Fundação Franklin Cascaes (FCC) funciona como secretaria de cultura de Florianópolis, assumindo as responsabilidades que estariam a cargo da Secretaria de Turismo, Esportes e Cultura. O que norteia as ações da FCC é o encaminhamento, apoio e acompanhamento de projetos culturais da cidade. "Recebemos muitos projetos mal-elaborados, faltando documentos ou no limite do prazo. E o pessoal ainda reclama que não teve seu projeto aprovado", argumenta Danielle Coelho, funcionária da FCC e estudante de Administração Cultural em Florianópolis. "O que está em falta

é pessoal instruído sobre as leis de incentivo e que saiba aproveitá-las da melhor maneira", complementa.

Por ser um cargo de confiança da prefeitura, a direção e a maioria da equipe da Fundação é substituída a cada eleição, e muitos dos projetos não são levados adiante por entrarem em conflito com as políticas da nova administração. Aproximadamente quinze projetos estão na lista de encaminhamentos da FCC, alguns com mais de um ano de espera. Para agilizar os processos, foram contratados cinco novos funcionários que organizam os documentos antes administrados por uma única pessoa.

Alguns produtores, mesmo a par da burocracia necessária, reclamam da demora do recebimento da verba. "Do encaminhamento do projeto ao dinheiro na mão pode levar muito tempo. Já realizei eventos onde só pude pagar os artistas quatro meses depois do show realizado", reclama um produtor cultural que não quis se identificar porque isso poderia trazer complicações na aprovação de seus atuais projetos.

Leis de incentivo à cultura

Federal – Ministério da Cultura

Lei ROUANET num. 8313/91

Fonte de arrecadação: Imposto de Renda

Mecanismo de funcionamento da Lei:

Fundo Nacional de Cultura – doações e 3% dos recursos lotéricos.

Mecenato: O Ministério da Fazenda define o montante de recursos destinados aos projetos culturais.

Estadual – Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte

Lei SEITEC num. 13336/05

Fonte de arrecadação: ICMS

Mecanismo de funcionamento da Lei:

0,5% da receita tributária líquida do Estado de SC é destinado a projetos culturais catarinenses.

Municipal – Fundação Franklin Cascaes

Lei num. 3659/91

Fonte de arrecadação: ISS e IPTU

Mecanismo de funcionamento da Lei:

A Câmara Municipal fixa anualmente, na Lei Orçamentária, o valor que deverá ser utilizado como incentivo cultural, que não poderá ser inferior a 1% nem superior a 2,5% da receita proveniente do ISS e IPTU.

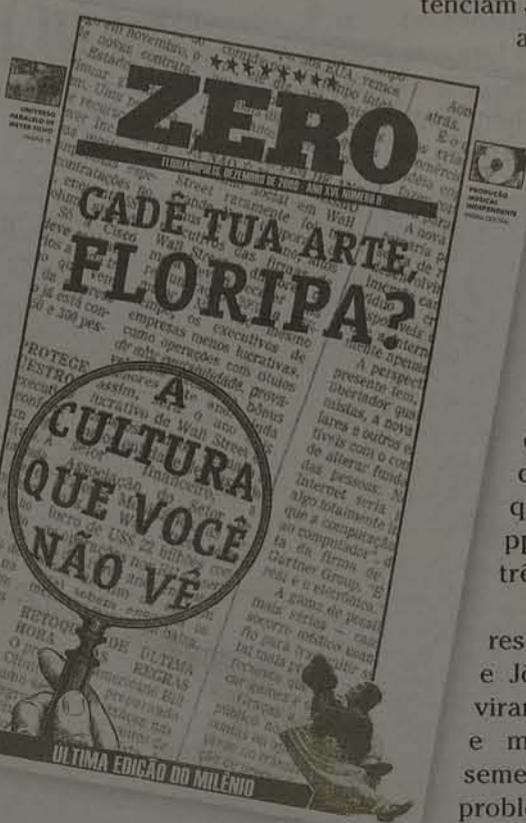


Floripa continua sem encontrar sua arte

HEITOR CARDOSO

O editorial do Zero de dezembro de 2000 diz que, "em cinco madrugadas de mutirão", o jornal se engajou na missão de escrever uma edição especial com reportagens sobre políticas culturais em Santa Catarina, principalmente na cidade de Florianópolis. O caderno foi feito sob orientação do professor Henrique Finco e com material dos alunos da disciplina "Reportagem Especializada em Cultura", naquele semestre lecionada pela professora Gilka Girardello. Hoje os dois professores dão aula em outros departamentos da universidade.

Com a seguinte capa, "Cadê tua arte, Floripa?", foram feitas matérias como a de Diego Fontoura, que escreveu sobre a precária produção de



longas-metras-

gens e a falta de salas para exibição dos curtas produzidos no estado. Florianópolis tinha na época oito salas de cinema das quais seis per-

tenciam a uma única empresa, a Arco-Iris, nos shoppings Beira-Mar e Itaguaçu. Hoje existem 14 salas a mais do que na época, sendo que metade está no shopping Iguatemi (Cinesystem) e metade no Floripa Shopping (Cinemark). Isso totaliza 22 salas de cinema na grande Florianópolis das quais 20 estão em shoppings, divididas entre três empresas.

Os alunos repórteres Leonardo Collares e Jônatas Kosmann ouviram grupos de teatro e músicos com visões semelhantes, apontando problemas como a falta de iniciativa política para criação de espaços públicos de divulgação artística, formando assim um monopólio dos locais de exibição tanto para cinema como para teatro e

música. Os poucos palcos da cidade, como do Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) do Centro Integrado de Cultura (CIC), foram considerados pelos entrevistados como inacessíveis para os pequenos grupos, acontecendo o mesmo nas rádios, que privilegiam as músicas das grandes gravadoras em detrimento dos pequenos produtores.

Outras reclamações dos artistas de Florianópolis foram em relação à Fundação Franklin Cascaes. A maioria que falou com o Zero considerou questionável o fato de a Fundação ser formada por servidores públicos com cargos de confiança, pois isso geraria uma política cultural "clientelista" na cidade. O escritor e na época presidente da União Brasileira de Escritores de Santa Catarina, Fábio Brüggemann, disse ao jornal em 2000: "a Fundação apóia somente os projetos que não trazem críticas, e tem medo de quem reflete, pensa e fala".

FANTASTIQUE Revolução

Francesa na Ilha de Santa Catarina

A revolução francesa encontrou um espaço em Florianópolis durante a semana do 14 de julho. Essa data é comemorada na França por ser o dia da queda da Bastilha em 1789, evento que deu início ao movimento revolucionário onde a burguesia tomou o lugar da monarquia – com o rolar de muitas cabeças e sangue azul da nobreza.

Na capital de Santa Catarina, o clima não é de revolução, mas de exposição. Na semana *Fantastique* foram realizados jantares, cafés, exposições de pinturas, fotografias e mobiliário, degustação de vinhos, sessões de filmes e debates sobre literatura, artes e cultura francesa.

Janine Périé nasceu em São Paulo, mas sua vida se divide entre Brasil e França, onde seus pais nasceram. Ela é presidente do Parque da Francofonia do Brasil, uma das entidades que organizaram o evento, e só lamenta não ter havido mais tempo para preparar a comemoração. "Levamos 15 dias para reunir as pessoas que se dispuseram a ajudar e concretizar o evento. Agora, com a primeira edição lançada, podemos fazer ainda mais para o próximo ano."

A maior parte das atrações foi gratuita, exceto os jantares e cafés realizados por *chefs* brasileiros e franceses. A programação trouxe à tona debates sobre literatura e sociedade. O professor Michel Guy conversou sobre a herança da Revolução Francesa na sociedade atual. Gilles Allan Abes falou sobre os 150 anos do Livro *Flores do Mal*, de Charles Baudelaire e o cineasta Christian Jean Abes, sobre o cinema francês. *C'est la culture cosmopolite de Floripa!* (JM)

REPRODUÇÃO



FRANÇA 14 de julho é comemorado

Aterros em Florianópolis não têm limites

Desde 1970, crescimento desenfreado amplia território da Ilha e novo projeto pode dobrar faixa de areia em Canasvieiras

DIVULGAÇÃO/SECRETARIA DE OBRAS

VANESSA CAMPOS

O próximo aterro previsto para a Ilha de Santa Catarina é o alargamento da faixa de areia da Praia de Canasvieiras, localizada na região Norte da Ilha. Até o momento, o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) está na Fundação do Meio Ambiente (Fatma) e as audiências públicas estão suspensas. A primeira audiência que estava marcada para 19 de abril foi cancelada. Segundo Daniel Guerra, biólogo da Secretaria de Obras, o motivo da suspensão é uma complementação ao EIA. A Fatma e a Secretaria de Turismo tramitam a idéia de ampliar o trapiche já existente na praia. Um novo projeto deverá ser avaliado e só depois as audiências serão remarçadas, o que está previsto para acontecer ainda nesse semestre.

Crescimento

Florianópolis possui hoje uma área de 433 quilômetros quadrados. De acordo com o Departamento de Infra-estrutura de Santa Catarina (DEINFRA), da área total

da Ilha, uma média de nove quilômetros quadrados foram ampliados com os aterros, uma realidade criada pelo crescente aumento populacional ao longo dos anos. Atualmente, 406 mil habitantes vivem na Ilha, sendo que, em 1940, apenas 46 mil pessoas moravam aqui. No início da década de 80, 187 mil pessoas já estavam na cidade. Com o crescimento, o tráfego urbano passou a ter novas exigências. As autoridades municipais e estaduais dos anos 70 iniciaram o aterro da Baía Sul. A extensão de seis quilômetros quadrados serviu de escoamento para os aterros das pontes Pedro Ivo e Colombo Salles. O aumento dessas áreas trouxe diversas modificações sócio-econômicas, físicas e ambientais. Hoje o centro está definitivamente afastado do mar.

Na Ilha existem três grandes aterros: Baía Sul (centro e prainha), Beira-Mar Norte e Via Expressa Sul, o mais recente, concluído em 2004. Está em construção atualmente o aterro da Beira-Mar Continental, no bairro Estreito, com cerca de três quilômetros de extensão.

DIVULGAÇÃO/INSTITUTO HISTÓRICO



PRAINHA Na década de 70, o mar chegava ao Hospital de Caridade

Engarrafamento é a causa principal das alterações

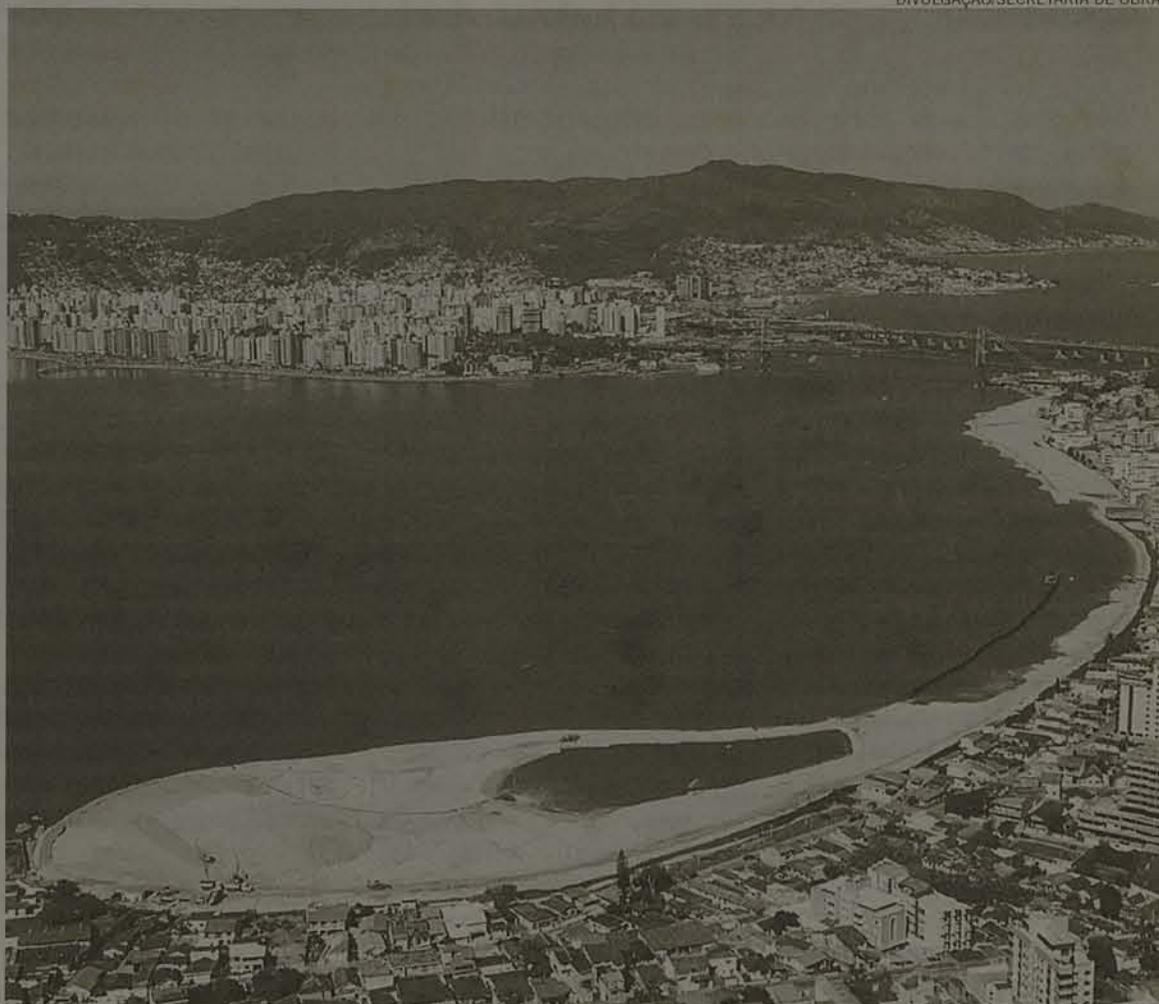
Para se fazer um aterro numa cidade não basta apenas elaborar um Estudo de Impacto Ambiental. O motivo do empreendimento precisa ser em prol do benefício público. Geralmente são feitos aterros viários, pois um dos principais problemas da Ilha é a falta de espaço para o tráfego de automóveis.

Segundo a Secretaria de Obras do Estado, a decisão da criação de aterros é unânime e realizada por apelo público. O crescimento desgovernado da população causa a necessidade de aumento nas estradas e o engarrafamento é o principal motivo.

Queda na economia

A falta de acesso a áreas de engarrafamento provoca a queda da economia no local e as lojas começam a perder movimento. Os serviços como escolas e postos de saúde perdem o fluxo de pessoas, que procuram outras alternativas, além do número de acidentes crescer com o grande fluxo de veículos.

No verão, a Praia de Canasvieiras, que fica no Norte da Ilha, perde cada vez mais turistas e investimentos para as praias do Sul, devido à falta de espaço e de conforto. (VC)



ATERRO Beira-Mar Continental vai ligar os bairros Coqueiros e Estreito sem passar pela avenida central

Sistema de dragagem é mais utilizado

O primeiro grande aterro hidráulico da Ilha - feito por dragagem - foi realizado no bairro Prainha, entre 1970 e 1974, por uma empresa do Governo Federal, a Companhia Brasileira de Dragagem (CBV).

Há 140 anos, pequenos outros aterros também foram realizados perto do Hospital de Caridade, onde também estão localizados hoje o Fórum, o

Tribunal de Contas e a Assembleia Legislativa. Esses aterros, na época, eram feitos a carroça e depois a caminhão.

Em Florianópolis, na parte insular, existem dois tipos de aterros: hidráulico e mecânico. O aterro hidráulico usa a água para retirar a areia do fundo do mar, assim como o aspirador de pó utiliza o ar para levar a poeira. A draga é

um aspirador que suga água e areia juntos, além de lama, peixes e siris. No final da draga existe uma grande tubulação, onde será colocado o aterro, chamado de linha de terra. Os aterros hidráulicos da Ilha são os da Baía Sul e Via Expressa Sul. O único aterro mecânico - que retira rochas e argila dos morros - foi a da Avenida Beira-Mar Norte. (VC)

DIVULGAÇÃO/SECRETARIA DE OBRAS



DRAGA Equipamento suga areia do fundo do mar e joga na zona de alargamento da Beira-Mar Continental

Obras alteram paisagem e geram impacto ambiental

Para especialistas, grandes empreendimentos apresentam solução barata, modificam ecossistema e poderiam ser evitados

Qualquer aterro envolve grandes impactos ambientais, afirma Suzana Trebien, técnica ambiental da Fundação do Meio Ambiente (Fatma). “Não existe limite de aterros pelo homem, mas sim pela natureza. Florianópolis não pode ficar como *Miami*, cheia de aterros, pois é muito artificial e não é bonito”. Suzana aponta também que a beleza natural da Ilha é o que atrai os turistas e encanta as pessoas que aqui vivem. “Até hoje não vi sequer um empreendimento barrado por questões ambientais”, revela a bióloga.

Já na avaliação de João de Deus, biólogo e ambientalista, a tendência de urbanização das áreas e as alterações ambientais são aspectos negativos. “Os aterros sempre surgem como uma saída milagrosa, mas envolvem obras de impacto ambiental extremamente significativas, alteram drasticamente uma larga faixa de ambiente, tanto pela conversão da Ilha de Santa Catarina como de áreas marinhas para áreas terrestres de uma

maneira artificial”, diz João de Deus. Também explica que a avaliação desses impactos é normalmente relativizada, pois se argumenta que as áreas estão antropizadas – modificadas pelo homem – e o ambiente já está muito adulterado. Então, se alterar mais um pouco, não vai fazer tanta diferença. “É um argumento clássico e recorrente. Porém, um erro não justifica o outro”, comenta o ambientalista.

Para Lenir Alda do Rosário, técnica ambiental da Fatma, a praia num ambiente insular, é uma zona de interface entre o ecossistema marinho e o terrestre. “A praia é importante, é o passar gradativo de um ambiente para o outro. E como toda zona de interface é extremamente rica de micro e macro-organismos. É a zona de transição e onde se encontra o maior potencial energético do ecossistema, porque se tem energia entre os dois lados”, explica a bióloga.

Lenir Rosário desabafa que do lado ambiental é muito difícil pensar e decidir sobre a

análise um processo de aterro e aceitar sua viabilidade sem causar um grande impacto. “Qualquer obra é impactante e não é porque tem uma medida compensatória ou leis, que não devemos evitar o problema de outra forma”, reclama. Complementa também dizendo que o aterro da Via Expressa Sul, por exemplo, deveria ter sido feito em uma obra suspensa. Porém os empreendedores visaram o lado econômico, pois a construção do viaduto ficava mais cara. “Não temos que questionar muito o preço quando se trata de questão ambiental. Tem que se conciliar os dois lados”, afirma Lenir.

Paisagem e saúde

A bióloga explica ainda que o homem está dentro do contexto de meio ambiente e quando se tem uma paisagem saudável também é bom para a saúde humana, não somente para os bichos. “Faz mal à saúde do ser humano quando a paisagem é completamente adulterada e degradada”, lamenta Lenir Rosário. (VC)



EXTENSÃO Os 4,6 km da Via Expressa Sul estão sob área ampliada

Monitoramento

DIVULGAÇÃO/INSTITUTO HISTÓRICO



INÍCIO O primeiro aterro da Beira-Mar Norte começou em 1970

Geólogo alerta possíveis erosões

A elaboração de um estudo aprofundado no local onde será feito o aterro, é primordial para evitar uma erosão costeira marinha, de acordo com o geólogo e pesquisador do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Norberto Horn. Com esse tipo de estudo, Norberto afirma que os impactos ambientais causados pelos aterros serão minimizados. “Sou a favor dos aterros, pois é uma

obra desenvolvimentista, mas o correto é fazer um pré e um pós-monitoramento. Isso na prática não é feito, acaba ficando apenas no papel”, declara o pesquisador. Norberto explica também que o grão de areia utilizado no aterro hidráulico deve ser do mesmo tamanho do que já existia no local e que esses detalhes são extremamente necessários para que não ocorram erosões, e até mesmo acidentes.

Máquinas provocam acidente na Praia do Sonho

O processo de aterro da Via Expressa Sul, com 4,6 quilômetros de extensão, realizado entre 1996 e 2004, foi feito por uma empresa holandesa. A dragagem realizada utilizou uma série de equipamentos extremamente pesados e o navio com as máquinas não conseguia entrar próximo à Ilha, parando na ponta de Naufragados. João de Deus, biólogo e ambientalista, revela que, durante as obras da Via Expressa Sul, houve um acidente no local onde as máquinas do

aterro ficavam. Foi em 1996, na área das dunas da Praia do Sonho, em Palhoça. O biólogo foi nomeado perito para acompanhar a recuperação ambiental da área afetada. João de Deus conta que, numa maré cheia, ocorreu uma erosão do solo na descarga do navio de equipamentos pesados, e as máquinas – imensos tratores – caíram no lençol freático, acúmulos de água potável embaixo do solo. O acidente comprometeu seriamente o meio ambiente local. Em alguns trechos da erosão,

o buraco chegou a mais de 15 metros de profundidade. Todas as máquinas ainda estão, até hoje, no fundo do mar. Foi preciso fazer toda a dragagem para recompor a cobertura vegetal – restinga – das dunas da Praia do Sonho. “Esse tipo de acidente é um exemplo claro do risco que envolve uma obra desse porte, como os aterros hidráulicos”, afirma João. O Ministério Público Estadual e a Fatma acompanharam todo o processo de recuperação da área afetada. (VC)

DIVULGAÇÃO/JOÃO DE DEUS



VISTA Área erodida passou por processo de recuperação da cobertura vegetal nas dunas da Praia do Sonho

Lei aumenta número de membros do TJ

Criação de dez novos cargos de desembargador e 60 de assessores custará R\$ 7 mi para o contribuinte catarinense

EVANDRO BORDIGNON

Além de ter fama de lenta, a justiça catarinense agora custará sete milhões a mais ao bolso dos contribuintes. Foi aprovada na Assembleia Legislativa, no último dia 11, uma lei complementar, de iniciativa do Tribunal de Justiça (TJ), que aumenta o número de desembargadores de 40 para 50. Além disso, a nova lei cria seis cargos comissionados de assessores para cada um dos dez novos membros.

Segundo dados do Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário de Santa Catarina (Sinjusc), o custo anual da contratação dos 60 novos assessores é de R\$ 4,8 milhões. Já um desembargador de Tribunal de Justiça recebe aproximadamente R\$ 22 mil por mês, 90% do que ganha um ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), remuneração máxima de um agente público. Com isso, a contratação dos no-

vos magistrados acarretaria um gasto anual de R\$ 2,6 milhões.

Antes de o Projeto de Lei Complementar (PLC 027/2007) ser enviado para apreciação na Assembleia, a proposta teve de passar por votação do Tribunal Pleno, como manda a lei. O resultado, embora tenha garantido a aprovação, evidencia que os magistrados estavam divididos quanto à questão. Foram 21 votos favoráveis contra 18.

De acordo com o presidente do TJ, o desembargador Pedro Manoel de Abreu, o aumento do número de julgadores e a criação dos cargos de assessoria não se tratam de medidas isoladas. A iniciativa faz parte do Plano de Ação Estratégica do órgão para desafogar a corte estadual dos processos que vêm se acumulando ao longo dos últimos anos. Segundo dados do próprio TJ, em 2006, havia 48.735 processos pendentes de julgamento. Em 2001, eram 30.089. O órgão é responsável por julgar os recursos dos processos iniciados nas comarcas

de todo o estado, além de outras competências, como julgar deputados por crimes comuns, secretários de estado, prefeitos e membros do Ministério Público estadual.

Em documento anexo ao PLC, enviado pela presidência do TJ à Assembleia, argumenta-se que, embora tenha aumentado a produtividade média de cada desembargador - que, em 2005, julgou 1.002 causas -, o aumento da demanda é responsável pelo acúmulo dos processos. O documento ressalta ainda a necessidade de uma rápida tramitação de processos, direito constitucional que o cidadão brasileiro conquistou a partir de 2004, e a imposição da Constituição de vincular proporcionalmente o número de juízes à população e à demanda judicial.

Promulgada em 1989, a Constituição Estadual fixou o número de desembargadores do TJ em

27. Posteriormente, a Lei Complementar 195, de 2000, elevou para os atuais 40 magistrados.

A crítica à nova lei, no entanto, reside principalmente na criação dos cargos comissionados. Esses postos não dependem de concurso público e são ocupados por pessoas de confiança indicadas pelos desembargadores. Para Volnei Rosalen, presidente do Sinjusc, o número de pessoas trabalhando no judiciário sem concurso público tem aumentado. Além disso, ele entende que a necessidade de atenção é maior na Justiça de Primeiro Grau, que abrange as 113 comarcas distribuídas pelo estado, onde afirma haver falta de pessoal e de preparo para atender às necessidades da população.

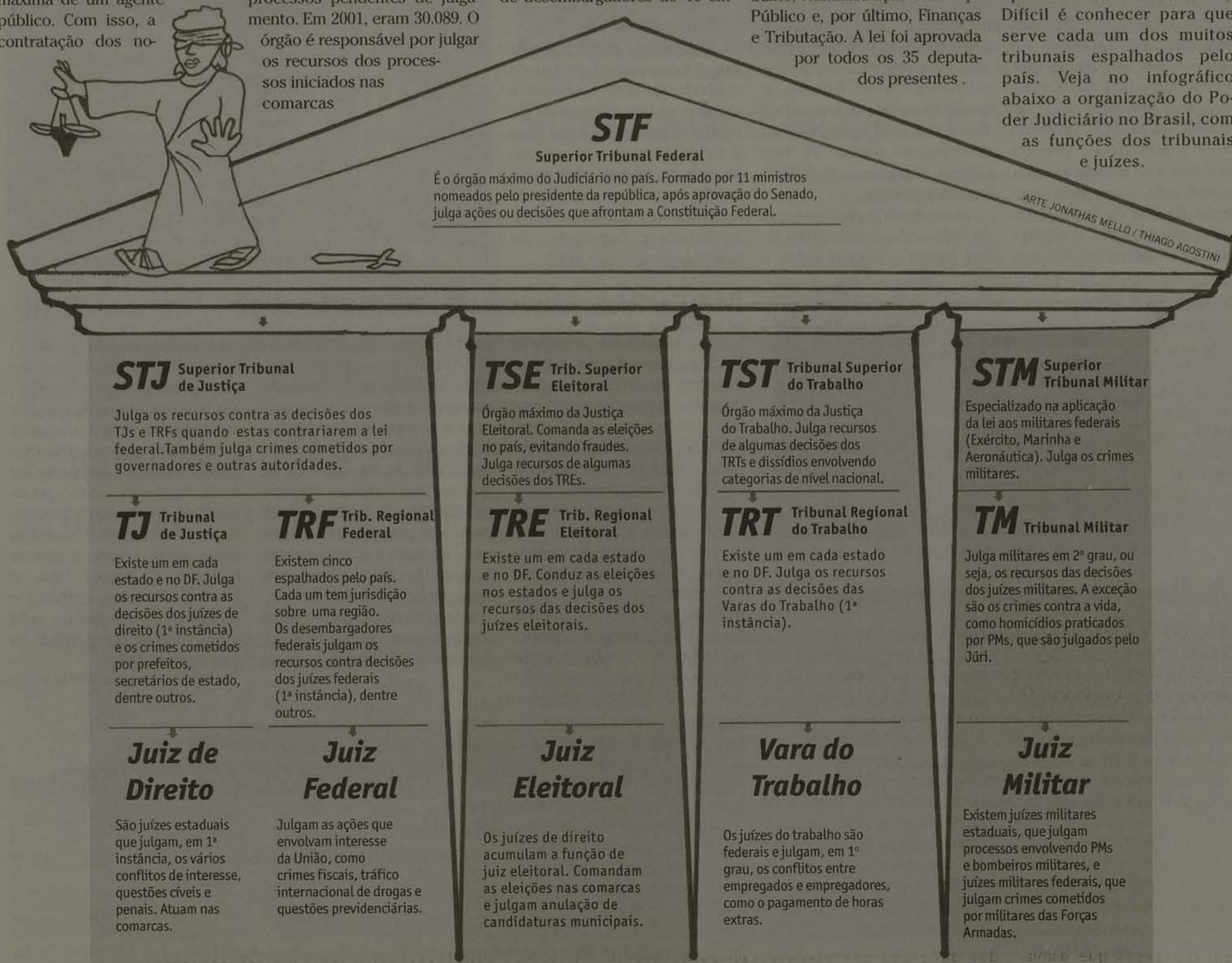
Antes de ir a plenário, o projeto tramitou pelas comissões de Constituição e Justiça, Trabalho, Administração e Serviço Público e, por último, Finanças e Tributação. A lei foi aprovada por todos os 35 deputados presentes.

Descrença no Judiciário

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Nexus em Belo Horizonte em abril deste ano avaliou a imagem do Poder Judiciário para os mineiros, além do conhecimento que estes possuem a respeito dos tribunais.

Apesar da pesquisa ter sido realizada apenas na capital mineira, pode-se ter uma idéia de como o órgão responsável pela justiça é visto de uma forma em geral. Dos 221 entrevistados, maiores de 16 anos, 86,4% consideram o judiciário lento, 56,1% sem credibilidade e mais da metade o consideram injusto e não ético.

Além disso, a pesquisa mostra o desconhecimento a respeito do que são os tribunais. Dos entrevistados, 21,7% não conhecem e 26,4% apenas ouviram falar deles. Difícil é conhecer para que serve cada um dos muitos tribunais espalhados pelo país. Veja no infográfico abaixo a organização do Poder Judiciário no Brasil, com as funções dos tribunais e juízes.



A fogueira das vaidades em São Paulo

No principal evento de moda da América Latina, o São Paulo Fashion Week, aparecer bem na foto é o que interessa

PRISCILA GRISON

Depois de cinquenta quadras percorridas de salto alto e maquiagem à procura do Parque do Ibirapuera chegue-se a conclusão de que paulista tem uma noção de distância um tanto alterada. Cinquenta quadras não é necessariamente "pertinho".

O objetivo da viagem era fazer a cobertura do São Paulo Fashion Week, o maior evento de moda da América Latina. Nas mãos, um bloquinho dividido por duas pessoas, eu e a fotógrafa, e uma câmera digital amadora, que fez o favor de não funcionar em vários momentos. Na cabeça, algumas noções sobre o que seria o evento. Uma idéia certa: é um evento restrito a pessoas seletas. Uma idéia errada: qualquer um pode entrar, ao menos, no hall do prédio da Bienal.

Lá dentro, somente com convite, ou então com credencial de imprensa que, por uma dose extra de azar, não havíamos recebido. De duas uma: ou arriscávamos, ou perdíamos a viagem e voltávamos para Florianópolis sem matéria alguma. Na entrada para a imprensa, um acesso de cara de pau. "Parece que deu um probleminha na foto da credencial, pode checar pra mim?". Deu resultado. Uma das credenciais estava lá, pronta. A outra foi feita na hora.

Ao entrar, o receio de não ter roupa adequada para um evento deste foi comprovado. No SPFW pode ousar, inventar uma roupa nova. Vale vestido e tênis, vale saia balonet com faixa de karatê, vale pintar o rosto de branco. O que não vale é ir vestido normalmente. E, com o medo de errar, era exatamente como estávamos.

Comprovamos nosso erro logo que entramos. Uma mulher de uns 50 anos, vestida de acordo com os "padrões" do evento, nos metralhou de cima a baixo quando passamos por ela. É, parece que ali éramos pássaros fora do ninho. Com os cabelos um tanto bagunçados pelo vento do longo caminho a pé até a Bienal e com a pouca maquiagem no rosto, estava escrito na testa que não éramos do meio.

Cada qual tentava se destacar mais, fosse pela criatividade, pela elegância, pelo preço das peças que usava.



BRUNA WAGNER

SELEÇÃO A entrada dos desfiles é por ordem de importância. Só com convite, cara conhecida ou boa vontade dos assessores das marcas



DIVULGAÇÃO

SABRINA causa tumulto no SPFW

A briga de egos é acirrada e aparecer bem na foto é o que interessa. A hostilidade entre todos que fazem parte deste meio está nos olhares e no tratamento que dispensam uns aos outros.

Como tudo no SPFW, a entrada para os desfiles é por ordem de importância: só com convite ou com rosto conhecido. "Só entra quem eu conheço", dizia a assessora de imprensa de uma das marcas com convites mais disputados. "No final eu deixo todo mundo entrar, é só pra não dar confusão", salientava ela para os poucos que ficavam lá fora, esperando. E, quando os últimos entraram, falou para um dos fotógrafos que estavam

esperando: "fica lá atrás, pra não atrapalhar as fotos".

Foi só no final do primeiro dia que descobrimos uma forma de entrar antes. O que nos interessava não eram os desfiles, mas o comportamento das pessoas. A idéia era entrar como se fosse importante, sem pedir nada a ninguém. Funcionou. Nos desfiles seguintes, uma entrava falando ao telefone e a outra seguia atrás. "Estou com ela", dizia ao segurança e passava.

As celebridades instantâneas se contorcem para serem fotografadas em bons ângulos, e convidados se mostram maravilhados com toda estrutura e novidades. Há famosos que causam frisson. A chegada de Sabrina Satto ao desfile da Néon, por exemplo, acarretou um certo transtorno. O furor dos fotógrafos foi tamanho que o desfile, já prestes a começar, foi adiado em alguns minutos, até que tudo se acalmasse. Sabrina mal conseguia caminhar até o seu lugar. No próximo desfile, lá estava ela mais uma vez, com os óculos Giorgio Armani que exibia em todas as fotos e que procurava destacar, pronta para ser fotografada com uma nova roupa, que teve tempo de trocar nos

poucos minutos entre um desfile e outro. Uma peça de teatro, com cada um representando o seu próprio papel.

No segundo dia, tínhamos aprendido a lição. Nada de básico. Vestimos o que de melhor tínhamos na mala, completamos com maquiagem e fomos ao evento, desta vez de ônibus. A poluição da cidade contribuiu para que a cara no segundo dia fosse não só de deslumbramento, mas de ataque de rinite. Já havíamos aprendido a entrar nos desfiles sem ter de esperar, onde as coisas ficavam e como tudo funcionava.

Negócios

Mais do que glamour, no entanto, o SPFW é mercado. Lá começam grandes negócios na indústria de vestuário, como vendas de tecidos e compra de coleções por grandes redes de loja tanto no Brasil como no exterior. O setor representa 17,5% do setor de transformação e produz no Brasil, por ano, cerca de 7,2 bilhões de peças. São 30 mil empresas que geram 1,65 milhão de empregos.

O faturamento das indústrias de moda no ano passado foi de U\$ 33 bilhões e exportou

2,1 bilhões. Só a Fórum, uma das marcas que mostrou sua nova coleção no SPFW, tem faturamento estimado em U\$ 250 milhões por ano. Quando falamos de mercado mundial, porém, o Brasil parece um anão duelando com gigantes. Apesar de ter posição de destaque em vários segmentos, o país representa apenas 0,44% do mercado mundial, que movimentava R\$ 460 bilhões por ano, segundo dados do Instituto Brasil de Arte e Moda. É o terceiro maior produtor mundial de malha, quinto maior produtor mundial de confecções, ocupa a sétima posição mundial na produção de fios e é o sétimo maior produtor de tecidos do mundo.

Números

Público

84 mil

Profissionais envolvidos

3 mil

Investimento

R\$ 6 milhões

Segurança no campus é tema de debate

Servidores técnico-administrativos aproveitam a greve para discutir problemas que ameaçam a tranquilidade da UFSC

RAQUEL PEREIRA

Somente no primeiro semestre do ano, foram registradas 114 ocorrências de ordem policial dentro do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na tentativa de buscar soluções para diminuir os problemas relacionados à falta de segurança na Universidade, os servidores técnico-administrativos em greve organizaram um debate no Restaurante Universitário (RU), no último 22 de junho. Entre os participantes estavam integrantes da segurança da UFSC, servidores e o deputado estadual Amauri Soares (PDT).

O debate iniciou com a fala do deputado, que participa da Associação dos Praças da Polícia Militar de Santa Catarina. Para Soares, a grande causa da violência e do desajuste social é a falta de empregos. "Nós, seres humanos, somos produto do trabalho que desenvolvemos. Todos os dias, nos deparamos com desempregados com idades entre 18 e 40 anos."

Além disso, Soares disse acreditar que o fato de crianças e adolescentes não terem outras atividades fora do horário de aula colabora para que esses jovens se envolvam em situações de risco e até mesmo com a criminalidade.

O capitão Flávio Roberto Ivanoski, do 4º Batalhão da Polícia Militar do bairro Santa Mônica, responsável pela ronda nas proximidades da Universidade, conta que a UFSC se tornou um refúgio para os bandidos. "Eles sa-



INSEGURANÇA Mais de cem ocorrências policiais foram registradas dentro do campus da Universidade

bem que os seguranças não podem agir como um policial, pois se eles atirarem serão presos e processados", explica. Ele conta que, em maio deste ano, dois menores tentaram roubar uma moto. A segurança acionou a PM, mas os infratores foram mais rápidos e correram para dentro do campus. Enquanto a polícia não chegava, a ronda universitária seguiu os menores, que abriram fogo contra as viaturas.

PM na UFSC

A segurança que cuida do campus universitário foi criada com a intenção de preservar o patrimônio público na época em que a instituição era menor. Com o passar do tempo, a UFSC e os bairros próximos cresceram e junto com eles também aumenta-

ram os problemas relacionados com as drogas, a criminalidade e o roubo. "Hoje o campus se tornou um lugar seguro para cometer crimes por conta da falsa idéia de que as autoridades policiais do Estado não podem agir dentro da instituição", diz Teles Espíndola, supervisor de segurança da UFSC.

Ao contrário do que muitos acreditam, o capitão Ivanoski afirma que a PM tem sim autoridade para entrar e agir dentro da UFSC. O comandante salienta a necessidade da interferência dos policiais, uma vez que os seguranças da Universidade "não têm qualquer treinamento policial".

A sugestão de Espíndola é que se construa um posto da PM dentro do campus para "impor mais respeito". Além



SOARES "Desemprego é a causa"

disso, diz ele, é importante que a comunidade acione a Polícia Militar em casos de roubos e agressão.

Armas

Os seguranças da UFSC não podem portar armas dentro da instituição. O reitor da Universidade, Lúcio

José Botelho, acredita que os casos registrados no campus não têm gravidade suficiente para que seja necessário o seu uso. Além disso, segundo ele, o fato de os seguranças andarem armados pode ser usado como desculpa para que bandidos reajam com mais violência e atirem ao serem abordados.

Durante a última Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex), realizada em maio, Botelho deixou claro, em uma conversa com os seguranças, que enquanto for reitor não haverá uso de armas. "O desarmamento diminui a violência, isso em qualquer parte do mundo", conclui.

Monitoramento

A UFSC dispõe de uma central de monitoramento por vídeo e alarme contando com um total de 400 câmeras espalhadas por cerca de 3 mil salas. No quadro efetivo da segurança, há 70 vigilantes que são funcionários da Universidade, além de 24 terceirizados.

Há ainda o Grupo Especial de Ronda Universitária (Geru), que tem um treinamento especial para lidar com casos de furtos e agressões. O trabalho do grupo serve para subsidiar as investigações da Polícia Federal quando ocorre algum caso de furto no campus. "A comunidade sempre reclama de fatos isolados que ocorrem na Universidade, mas conseguimos diminuir bastante o número de ocorrências, porque aumentamos o número de rondas", explica o diretor da divisão de segurança Leandro Luiz de Oliveira.



IVANOSKI "A PM tem autoridade para entrar e agir na UFSC"

Ocorrências no Campus da UFSC

TIPO DE OCORRÊNCIA	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007*
Furto (bolsas, mochilas, carteiras e bicicletas)	41	68	36	52	40	52	13
Furto ao patrimônio	19	23	42	27	13	18	04
Furto de veículos	08	19	26	33	32	08	00
Arrombamento de veículo - CD	17	25	27	30	39	20	03
Arrombamento de instalações	30	42	23	15	22	17	01
Apreensão de drogas	900g	379g	360g	450g	350g	60g	50g
Tráfico	1600g	150g	256g	0g	70g	70g	0g
Assalto	04	04	05	02	04	00	00
Assalto a mão armada	03	12	01	03	02	07	02
Tentativa de abuso sexual	01	02	00	00	00	02	02
Apreensão de criança/adolescente	21	13	23	20	21	12	08
Detenção maior de idade	17	18	17	39	31	25	12

* Em 2007 os dados estão atualizados até 30 de abril

Fonte: Segurança da UFSC

Hemosc sofre com falta de doações

Quantidade de bolsas de sangue está quase 35% abaixo da demanda mínima diária

PATRICIA PRATTS

A falta de banco de sangue e medula óssea no Hemosc de Florianópolis preocupa a entidade. A Capital recebe cerca de 80 bolsas de sangue por dia, mas seriam necessárias pelo menos 120. A prioridade no momento é realizar cirurgias de emergência, de acordo com a assistente social do Hemocentro, Roseli Sandrin. Os demais procedimentos cirúrgicos estão sendo adiados.

O processo de doação de medula óssea requer menos exigências ao voluntário, porém é o mais difícil para encontrar um doador compatível. Desta forma, é importante ter um número maior de cadastrados para aumentar as chances de encontrar uma medula semelhante. As pessoas que sofrem de leucemia são as mais beneficiadas pelo transplante de medula.

Casos como o do catarinense Matheus Tomasi, 9 anos, de Brusque, que além de fazer transfusão de sangue periodicamente, precisa com urgência de um doador compatível de medula óssea. A família está fazendo campanhas pelo estado, a fim de conscientizar as pessoas a fazerem o teste de compatibilidade. Quando tinha apenas 4 anos de idade, os pais descobriram que o menino tinha um tumor. A partir disso, vários tratamentos de quimioterapia e radioterapia foram realizados. Porém a medula de Matheus continua comprometida.

Outro garoto que necessita de doação de medula é Kauan Martines Soares, de Belo Horizonte (MG). Em 2006, com apenas dois anos de idade, a doença foi descoberta. Ele também faz tratamento quimioterápi-



ROSELI Funcionária do Hemosc



VAZIO Falta de voluntários representa uma imagem comum no cotidiano da sala de doações do Hemocentro

co regularmente. A família da criança corre contra o tempo atrás de um doador compatível. Campanhas são realizadas em Minas Gerais e Goiás. Os cálculos feitos pela mãe de Kauan são de que o menino encontre um doador compatível em 100 mil testes realizados.

Exigências

Homens e mulheres têm diferença no processo de doação de sangue, tanto no intervalo entre uma retirada e outra, quanto na quantidade doada no período de um ano. O homem pode doar de dois em dois meses, não ultrapassando quatro doações anuais. Já a mulher só pode a cada três meses, no máximo três doações por ano. Cada 450 ml de sangue ajudam até quatro pessoas. Roseli enfatiza que, se todo indivíduo saudável doasse duas vezes ao ano, o Hemosc teria o suficiente para atender a demanda. Podem doar sangue pessoas entre 18 e 65 anos, com peso mínimo de 50 quilos e estejam em boas condições de saúde.

O sangue doado, mesmo após exames (HIV, sífilis, hepatite, doença de chagas, etc.), não é 100% seguro. Por isso, passa por um período chamado Janela Imunológica, uma vez que o indivíduo pode ter contraído um agen-

te infeccioso não detectado no exame. A assistente social alerta os doadores para que sejam sinceros na hora da entrevista, pois há vidas em jogo e é fundamental a honestidade nessa etapa do processo de doação.

Processo de doação

A primeira etapa é realizar um cadastro no estabelecimento com um documento de identificação (carteira de identidade, de motorista, de trabalho, passaporte ou carteira de identificação profissional). Em seguida, será feita uma verificação da pressão arterial, temperatura, pulso, peso, altura e hematócrito do futuro doador. O candidato então passa por uma entrevista individual e confidencial, na qual serão avaliados aspectos de comportamento e doenças já contraídas. Passando essas etapas, o próximo passo é a coleta, feita por profissionais capacitados e sob supervisão de um enfermeiro ou médico. Na coleta são retirados 450 ml de sangue, dose que não causa prejuízo a saúde do doador, pois o organismo repõe rapidamente a quantidade perdida. Após a doação, não é necessário tomar nenhum medicamento e o doador ainda ganha um lanche pra ajudar na hidratação.

A coleta pode ser realizada por uma equipe no hemocentro, ser feita em local pré-determinado para facilitar o acesso do doador ou através de doação de plaquetas e hemácias por aférese, processo que as separa do resto do sangue, restituindo ao doador a parte não aproveitada. Esse último procedimento deve ser agendado no Hemosc e sua retirada pode acontecer até 12 vezes por ano para as plaquetas e quatro para as hemácias.

O sangue coletado passa por etapas antes da liberação. Em primeiro lugar, é processado para separar seus componentes. Simultaneamente as amostras são encaminhadas para exames que classificam o tipo sanguíneo, o fator de Rh e atestam à qualidade do sangue. A partir da classificação, o sangue aguarda em temperatura apropriada o resultado dos exames. Comprovada a sua qualidade, o sangue é liberado para ser armazenado adequadamente, de acordo com a classificação e prazo de validade. Com isso, a distribuição é realizada segundo com as necessidades das Unidades de Saúde.

O Hemosc fica na Avenida Othon Gama D'Eça, 756, no centro de Florianópolis. Para mais informações, entre no site www.hemosc.org.br.

como fazer

Para doar

- ter entre 18 e 65 anos;
- acima de 50 quilos;
- em boas condições de saúde;
- não estar em jejum;
- portar documento de identificação com foto.

Quem não pode doar

- pessoas que passaram por cirurgia recentemente;
- menores de 18 anos ou acima de 65 anos de idade;
- grávidas;
- após ter ingerido bebida alcoólica há menos de 12 horas;
- pessoas que tiveram febre ou gripe nos últimos 7 dias;
- portadores de hepatite B ou C após os 10 anos de idade;
- usuários de drogas injetáveis;
- indivíduos que tiveram relação sexual com vários parceiros no período de um ano;
- quem ingerir comida gordurosa nas últimas 4 horas ou estiver em jejum prolongado.

Doação de medula óssea

A pessoa deve ter entre 18 e 55 anos e possuir uma vida saudável. Não é necessário pesar mais de 50 kg. São colhidos apenas 5 ml de sangue que serão classificados pelo HLA, sistema que lê os traços genéticos do doador. O tipo de medula encontrado será registrado no Redome - Registro Brasileiro de Doadores de Medula Óssea. Caso haja um doador compatível com o paciente, outros exames serão necessários antes do transplante. A doação é feita através de punções que retiram no máximo 10% da medula do osso da bacia, sob anestesia. A recuperação do paciente começa algumas semanas após o transplante. Para o doador, em poucas semanas o organismo regenera a parte retirada, sem causar nenhum dano à saúde.

Greve dos servidores não pára universidade

Técnico-administrativos interromperam os trabalhos em junho, mas aulas seguiram de acordo com o calendário acadêmico

IVAN FÁVERO

ISADORA PERON

A ala A do Restaurante Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) virou "QG" dos servidores técnico-administrativos em greve desde 4 de junho. A paralisação por tempo indeterminado foi decidida em assembléia realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (Sintufsc) no dia 30 de maio, e engrossa a greve nacional comandada pela Federação de Sindicatos de Trabalhadores das Universidades Brasileiras (Fasubra). De acordo com o último informativo da Direção Nacional, apenas duas das 48 instituições federais filiadas à Federação não aderiram à greve.

A lista de reivindicações dos servidores abrange questões que vão além das salariais (veja box). Para o coordenador-geral do Sintufsc, José de Assis Filho, um dos pontos principais é a defesa dos 45 hospitais universitários (HU's) que podem ser transformados em Fundações Estatais de Direito Privado. Um projeto enviado ao Congresso no último dia 11, elaborado pelos Ministérios da Saúde, Planejamento, Educação, e Ciência e Tecnologia, propõe uma mudança na forma de gestão que poderá ser implantada em áreas como saúde, assistência social, cultura, comunicação etc. Se aprovado, os HUs serão os primeiros a funcionar como fundação estatal: terão autonomia para negociar parcerias e contratos de serviço com empresas privadas e cumprirão metas monitoradas pelo governo. O objetivo seria superar a falta de recursos destinados à saúde.

Os servidores entendem a medida como privatização do hospital que privilegiará o atendimento pago. "O HU é o único

hospital de Santa Catarina 100% SUS [Sistema Único de Saúde]", lembra Assis. Outros motivos levaram os servidores à paralisação, como a proposta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de regulamentar as greves dos funcionários públicos. Além disso, eles exigem a realização de mais concursos para as instituições federais.

Os temas centrais discutidos pela Fasubra em Brasília, além da situação dos HUs, são as questões do plano de saúde dos servidores, do Projeto de Lei 01/2007, e as propostas para o aprimoramento do plano de carreira. O PLP 01/2007 é considerado o primeiro ponto de reivindicações, pois dispõe sobre o valor do salário mínimo e estabelece sua política de valorização de 2008 a 2023, limitando os gastos com o funcionalismo público à inflação mais 1,5% ao ano nos próximos 10 anos. "Isso congelaria nossos salários até 2016", diz o coordenador do Sintufsc.

Questões internas

Os técnicos da UFSC elaboraram também uma pauta interna de exigências que foi entregue ao reitor Lúcio José Botelho no dia 5 de julho. O documento possui 26 itens e pede por melhores condições de trabalho na Universidade. Os servidores reivindicam ainda o fim das terceirizações e contratos temporários e que se abra um debate sobre o papel das fundações de apoio dentro do campus, tendo em vista que a Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (Feesc) trabalha sob intervenção judicial por causa de questões fiscais desde fevereiro.

Botelho afirma que não é sua atribuição resolver a maioria das propostas da carta e critica a quantidade de exigências.



ADESÃO Assembléias quase vazias demonstram a dificuldade para mobilizar os servidores da UFSC

"Quem apresenta uma pauta desse tamanho não quer resolver nada, quer acusar." Ele lembra que esse ano haverá eleição para reitor e tem a impressão de que muitos dos pedidos têm caráter político. No entanto, deixa claro que apóia a greve dos servidores e principalmente a pauta geral da categoria. "As reivindicações dos trabalhadores técnico-administrativos, vítimas de arrocho salarial e ausência de perspectivas de carreira, são legítimas e representam também a vontade política da Administração da Universidade", disse em um artigo publicado no site da UFSC.

O fato é que a luta dos servidores não é apenas contra o governo ou a reitoria. A maior dificuldade acontece no dia-a-dia da greve: conseguir que os trabalhadores se mobilizem e participem ativamente do movimento. Na primeira assembléia geral de julho, realizada no hall da reitoria, cerca de 300

dos 3243 trabalhadores compareceram. A coordenadora de comunicação do Sintufsc, Raquel Moysés, admite que a mobilização está fraca e que a solução seria mudar de estratégia ou sair da greve. "Na minha opinião, todos deveriam lutar contra o modelo de fundação estatal, porque esse projeto vai ser aplicado em outras áreas do serviço público, o HU é só a bola da vez", propõe.

Semestre concluído

Na UFSC, serviços importantes foram interrompidos por causa da paralisação, mas isso não impediu que o primeiro semestre corresse de acordo com o calendário acadêmico. A biblioteca, o restaurante e o laboratório de informática foram fechados. Alguns servidores da segurança e do HU também pararam. A adesão nos centros de ensino varia. No Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), por exemplo, chega a 90%. "Cal-

culamos que aproximadamente 30% dos trabalhadores estão parados", diz Assis.

No dia 18 de julho, os técnico-administrativos decidiram impedir que os funcionários do Departamento de Administração Escolar (DAE), responsáveis pelo processamento das notas e matrículas da Universidade, entrassem no setor. O objetivo dos grevistas é inviabilizar o início do segundo semestre de 2007. Nessa mesma data, o acesso à UFSC pela rótula da rua Lauro Linhares também foi bloqueada com mesas, cadeiras e galhos de árvores. As medidas foram tomadas para chamar a atenção da mídia e da própria comunidade universitária para a greve. Até o fechamento desta edição do Zero, o reitor Lúcio Botelho não sabia informar se essa atitude prejudicará o andamento do calendário letivo, pois ainda não havia conversado com o diretor do DAE, Luiz Carlos Podestá.

ISADORA PERON



CAMPUS Cartazes em frente à reitoria chamam atenção para o movimento

reivindicações

Motivos que levaram os servidores da UFSC a entrarem em greve

- Aprimoramento da carreira;
- Recursos para o plano de saúde;
- Em defesa dos HUs;
- Contra o modelo de Fundação Estatal no serviço público;
- Contra o PLP 01/2007;
- Contra a restrição do direito de greve;
- Paridade entre ativos, aposentados e pensionistas;
- Incorporação de gratificações;
- Realização de concursos;
- Isonomia salarial e de benefícios (começando pelo executivo);

A simplicidade do esquecido Dom Quixote catarinense

Com discrição e dedicação, Martinho de Haro revolucionou a Florianópolis dos anos 50, mas parece perdido na memória de Santa Catarina, assim como as obras do artista na casa de colecionadores

ANDRESSA TAFFAREL

“Ele largou o pincel para pedir um café à Dona Maria e morreu. Morreu pintando.” Descrita pela ex-nora Késia Lenderly, até a cena da morte ocorrida em 1985 retrata a intensidade desta que foi a maior paixão de Martinho de Haro: pintar. Homem sereno e discreto, foi o maior pintor de Santa Catarina, ao lado de Victor Meirelles, mas era mais que um artista plástico. Era um conhecedor da política e da vida simples da provinciana Florianópolis. Dono de traços firmes e únicos, produziu obras belíssimas através de muito suor e dedicação. “Não me lembro de um só dia em que meu pai não tenha pintado ou desenhado”, relembra Rodrigo, o filho mais velho.



“Não me lembro de um só dia em que meu pai não tenha pintado ou desenhado.”

RODRIGO DE HARO
filho mais velho de Martinho

Martinho preocupou-se em fixar a paisagem de sua terra em céus inconstantes e casarios suaves, ao lado de nus e naturezas mortas. Retratou a alma de uma cidade melancólica. “As obras passam um sentimento de efemeridade e traduzem até o silêncio das ruas”, garante a professora de História da Arte da Udesc, Sandra Makowiecky, que estudou o artista em sua tese de Doutorado. Durante os 45 anos em que residiu na Ilha, retratou grande parte dos políticos catarinenses para a galeria da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Pintou os filhos, sua esposa, Dona Maria, em várias fases da vida, e ele próprio, como um triste Dom Quixote. “Ele tinha uma linguagem muito valiosa, atenta às necessidades estéticas do seu tempo”, explica o administrador do Museu de

Arte de Santa Catarina (MASC), João Evangelista Andrade Filho, também secretário da comissão *Centenário Martinho de Haro*, trabalho em homenagem ao nascimento do artista, comemorado em 11 de novembro.

A residência do pintor, apesar de simples, foi uma espécie de centro cultural da época. Conhecida como “a casa que nunca fecha”, abrigou o primeiro cineclube da cidade e recebia pessoas de todo o país, especialistas e amantes da arte que discutiam a preservação da memória cultural. “O legado de Martinho vai além dos desenhos e pinturas. Ele exerceu uma influência inatingível, mudou certas mentalidades. Fez uma revolução silenciosa de hábitos e costumes”, explica a professora Sandra.

Carreira

Nascido em São Joaquim, Martinho estudou em Lages, onde foi descoberto pelo político José Boiteux. O reconhecimento nacional daquele que é considerado o representante



MARCA Céus inconstantes e casarios suaves são característicos nas obras

do Modernismo catarinense veio em 1935, quando ganhou o Prêmio de Viagem ao Brasil, consagrando-se dois anos depois com o Prêmio de Viagem ao Exterior, o mais cobiçado mérito oficial concedido pela Escola Nacional de Belas Artes aos artistas do país. No ano seguinte, freqüentou a Academia de Artes La Grande Chaumière, em Paris. Ainda assim, optou por continuar morando na Capital catarinense, fixando-se definitivamente a partir de 1942, onde participou de diversas mostras individuais, coletivas e itinerantes. “Ele sabia das conseqüências de se afastar de São Paulo e do Rio de Janeiro. Preferiu viver uma vida simples e abdicar da popularidade”, explica o filho Rodrigo. Mesmo não morando no sudeste, o catarinense participou ativamente do movimento plástico carioca, expondo ao lado de Portinari, Ismael Nery e Guignard, além de ser um grande amigo de José Pancetti e Di Cavalcanti.

Ligado ao cotidiano, trabalhava o dia todo, apesar de preferir pintar pela manhã, pois considerava a melhor luz do dia. Foi um apaixonado por todas as formas de arte. “Ele adorava música, cinema, livros”, recorda Rodrigo, que via no artista um pai zeloso com a família e carinhoso com todos os que se interessavam pela pintura. “Não foi só para os filhos que ficaram os seus ensinamentos. Qualquer pessoa que lhe mostrasse um desenho, ganhava umas dicas e uma ajuda para escolher uns pincéis”, acrescenta.



INSPIRAÇÃO Sua esposa, Dona Maria, foi retrada em várias fases da vida

Centenário pretende tornar o artista mais conhecido em SC

Como não há um inventário oficial, é impossível afirmar o número de obras produzidas por Martinho. “Só de desenhos tenho mais de 600 em minha casa”, garante Késia. Em 1986, o MASC fez um pequeno levantamento que está sendo ampliado este ano, durante a fase de pesquisa do centenário de nascimento do artista.

Além de não conhecer todos os trabalhos, a organização do evento enfrenta outra dificuldade: grande parte pertence a colecionadores. “Sabemos quem são alguns desses, mas, para descobrir quem são os outros, precisamos que eles saibam do nosso trabalho e nos procurem”, explica Ronaldo Linhares, do Núcleo de Conservação e Acervo do MASC. Apenas 15 quadros integram o acervo do museu catarinense, que também possui a guarda de 17 obras da Secretaria Estadual de Educação. Outras imagens conhecidas são propriedade do Centro Administrativo do Governo do Estado, da Assembleia Legislativa, do Palácio do Governador e da família.

O destaque do evento será a exposição no MASC de cerca de 200 obras a partir de outubro. A comemoração aberta em 19 de outubro de 2006, com a exibição de pinturas no Espaço Permanente que leva o nome do artista, conta ainda com mesas redondas, duas mostras no

Museu Victor Meirelles e o lançamento de dois livros - um com a biografia de Martinho e outro que retrata a relação do pintor com Florianópolis.

A intenção do Centenário não é apenas comemorar o nascimento, mas também fazer com que os catarinenses descubram Martinho de Haro. “Ele influenciou novos artistas, trouxe o Modernismo para o nosso estado e era muito conhecido na época, tanto por políticos quanto pelas pessoas do Mercado Público. Não podemos admitir que os jovens de hoje não conheçam um dos ícones das artes plásticas catarinenses”, argumenta João Evangelista. Esse desconhecimento, segundo a professora Sandra, acontece nas artes em geral. “O Governo precisa incentivar, ajudar os museus a ampliar os acervos. Uma obra de arte deve estar num museu, para ser visitada e admirada por muitas pessoas e não ficar em antiquários e casa de colecionadores, onde só meia dúzia de pessoas pode ver”, critica.

Parte desse desejo poderá ser realizado em breve. A intenção de Késia é fundar um museu com o nome do artista. “Não quero mais que todo o trabalho do Seu Martinho fique comigo. Quero que outros conheçam e admirem a obra dele”, que, segundo ela, é simples como toda obra de arte deve ser. (AT)

Samba de raiz e gafieira na sala de casa

Ambiente caseiro e boa música são o segredo do Bar do Tião, que sobrevive mesmo após a morte do seu proprietário

TAISE BERTOLDI

De volta da cozinha, que fica do lado de fora do bar, Dona Ana estica o braço para entregar a batata frita às quatro pessoas da mesa ao lado da janela. De vez em quando, demora para chegar ao cliente, não pela distância, mas pela quantidade de pessoas que se apertam para dançar no meio da casa. São quase dez anos se dividindo entre garçonete e cozinheira do Bar do Tião, em Florianópolis. Seu trabalho é embalado pelos sambas de sextas e sábados à noite, num local tradicional e caseiro, onde Cartola, Chico Buarque e Nelson Gonçalves têm lugar garantido no repertório.

Com mais de 15 anos, o bar surpreende por atrair tanta gente num espaço que poderia ser uma garagem para dois carros. A pouca infra-estrutura não parece ser um fator negativo: muitos são atraídos pela simplicidade, que remete à origem do samba nos morros e favelas. O diferencial, no entanto, é a proposta de oferecer música de qualidade. Samba de raiz, partido alto e choros são apresentados pelos músicos da casa, que também permitem canjas de conhecidos frequentadores. No meio do salão, é possível encontrar diversos tipos e performances.



EMBALO Nas sexta-feiras, quase 200 pessoas frequentam o bar e se apertam para dançar no meio do salão

Seu Oscar do Itacorubi, cliente já conhecido, é famoso por sair do ritmo e espantar as parceiras de dança. “A primeira sempre cai no convite, a segunda talvez, mas depois nenhuma aceita dançar com ele”, brinca Camélia Martins, cantora de sábado.

O bar foi criado com a intenção de reunir Tião, o proprietário, e os amigos. “Começou como um bar de ‘cachaça e lingüiça’ para os amigos jogarem

dominó, de tarde, e à noite sersertarem. Ninguém imaginava que chegaria a essas proporções”, explica Ana Cristina Furtado, a Mika, sobrinha de Tião, que se considera neta. Dona Ivonete, esposa de Tião, foi quem bancou e incentivou a criação do estabelecimento. “A peça principal do bar não foi meu avô, foi minha avó. Ela criou o bar para afastar o Tião da vida de noitadas”. Em 1992, dois anos após seu modes-

to início, o bar virou uma casa de samba. De acordo com Mika, que foi criada pelo casal desde os três meses de idade, Tião não queria que a casa ficasse tão conhecida. “Bar bom para ele era bar vazio, no máximo só com as mesas cheias”.

Mesmo após a morte de Tião no final de 2006, o movimento da casa é alto. Nas noites de sexta-feira, o bar costuma receber cerca de 200 pessoas e, nos

sábados, aproximadamente 120. Durante o verão, o movimento diminui e uma das razões é a pouca ventilação do bar, atualmente administrado por Mika, que assumiu as responsabilidades da casa após a morte de Ivonete.

João Batista de Almeida, o Tião, começou sua carreira como músico profissional em 1950. Além de dar aulas de violão e cavaquinho, era compositor. Tião se apresentou com grandes nomes como o violonista gaúcho Yamandú Costa, que, de vez em quando, ainda frequenta o bar. Também tocou com músicos da Escola de Samba Portela, do Rio de Janeiro, e, principalmente, com os da Copa Lord, de Florianópolis, sua escola do coração.

Após a morte da esposa, em novembro de 2005, as complicações cardíacas de Tião, que também era diabético, aumentaram. Ele não quis mais se envolver com as questões relacionadas ao bar e, em dezembro de 2006, faleceu no hospital em que estava internado. Na época, o movimento do bar diminuiu por causa da tristeza de não se ver o Tião na casa. Segundo Mika, atualmente o movimento do bar “está igual a antes e as pessoas frequentam em homenagem a ele”.

PIAUI

Histórias de um repórter em particular

Em Florianópolis, o cineasta João Moreira Salles fala sobre um jornalismo diferenciado e do seu trabalho na revista Piauí

MARIANA HILGERT

Um auditório lotado espera a chegada do palestrante. Para ouvir o que João Moreira Salles tem a dizer, vale até sentar no chão. O cineasta esteve na UFSC no fim de maio para falar sobre documentário e jornalismo. Irmão mais jovem de Walter Salles Jr., João Moreira é o reconhecido documentarista de Notícias de uma guerra particular (1999) e Entreatos (2004) e um dos idealizadores da revista Piauí.

Salles, o cineasta, defendeu que cinema é forma. Depois de diversas produções, ele afirmou não haver nenhum tema que não o interesse. “O essencial é que a forma proponha alguma coisa nova.”

O Salles jornalista, à frente da Piauí, também não discorda

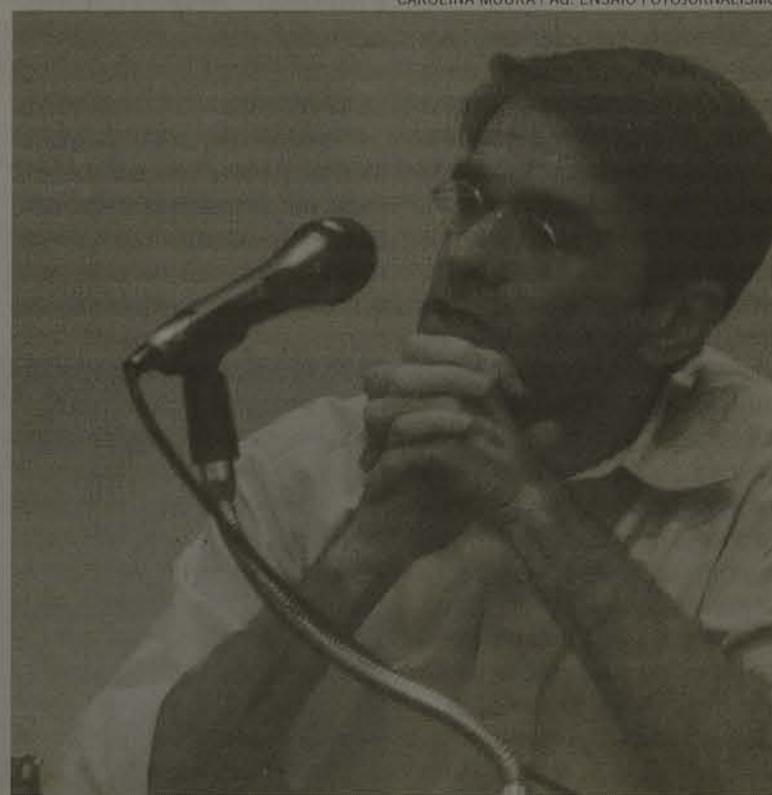
dessa máxima. O lema da revista é a liberdade narrativa, seja lá qual for o assunto. A ideia surgiu da busca por publicações que promovessem, além da informação, o prazer da leitura.

Tendo apenas oito meses de existência, a Piauí já nasceu diferente. “[Ela] não tem editoria e a gente tem a liberdade absoluta de reinventar”, explica. E o que isso significa? “Um vai e vem. O editor tem que interpretar as ideias”, para fazer com que, segundo ele, o repórter chegue ao tão almejado texto platônico. E avisa que, se for preciso, o texto será alterado uma dezena de vezes, sem perder as características do autor. É um trabalho incansável de edição, que tem dado bons resultados.

A equipe de redação pode variar, os editores apostam nas

boas ideias que podem surgir. Mas há os colaboradores de sempre. E se abre espaço, vez ou outra, para alguma figurinha conhecida que queira exercitar o dom de contar histórias, como a atriz Fernanda Torres recentemente. A grande distinção ressaltada por Salles é que, famoso ou não, ninguém faz matéria sem sair da redação. O processo é simples: “O sujeito viaja, vê, olha e escreve”.

Sobre a origem do nome da revista, Salles contou que leu um texto de Gilberto Freire que o inspirou. Segundo o autor, países mais quentes têm idiomas formados por palavras com muitas vogais, enquanto os mais frios possuem mais consoantes. Daí, veio a ideia de Piauí, que começou como uma opção, e ficou como uma escolha.



FORMA Como editor da Piauí, Salles defende a liberdade narrativa

A batalha dos lutadores contra a dura rotina

Em meio ao estresse cotidiano, pessoas procuram nas artes marciais uma maneira de alcançar paz e equilíbrio emocional

FELIPE MONTEIRO

É comum dizer que o ser humano tem necessidade de disputa, de se pôr à prova, como se fosse um ímpeto fisiológico. Até matar um ao outro era aceitável em tempos remotos, quando não havia controle institucional e leis como temos hoje.

Aos poucos as pessoas encontraram maneiras de satisfazer esse ímpeto de disputa através da luta esportiva, como escreveu o filósofo Friedrich Nietzsche em *Humano, Demasiado Humano*, no final do século XIX. "Havendo um código de honra que admite sangue no lugar da morte, de maneira que após um duelo segundo as regras o coração é aliviado, isto é um grande benefício, pois de outro modo muitas vidas humanas estariam ameaçadas."

A história do surgimento das artes marciais remonta essa situação. Durante o desenvolvimento das civilizações agrícolas na Ásia, diante da necessidade das pessoas se defenderem, houve um aprimoramento das técnicas de combate, que resultaram em vários tipos de artes marciais, a maioria variações de outras. Os estilos vão do uso de golpes como chutes, socos, joelhadas e cotoveladas, e movimentos de agarramento, quedas e torções das articulações, até o uso de armas, como sabres, espadas e paus. Muitos relatos associam as artes marciais a treinamen-

tos militares, mas com o aparecimento de armas de fogo elas ficaram obsoletas para este fim.

A difusão das artes marciais no Ocidente começou no final do século XIX, devido ao crescimento comercial entre os Estados Unidos, China e Japão, mas ganhou grande notoriedade mesmo na Guerra da Coréia, entre 1950 e 1953, quando soldados americanos receberam treinamento de Tae Kwon Do, uma técnica de socos e chutes. Na década de 1960, Judô e Karatê se tornaram populares, e na década de 1970, os filmes de Bruce Lee apresentaram ao mundo o Kung Fu.

O Brasil tem dois estilos de arte marcial próprios, o Jiu-Jitsu Brasileiro, criado por Carlos e Hélio Gracie, uma variação de Jujutsu e Judô, e a Capoeira, peculiar por ter sido desenvolvida pelos escravos negros para se defenderem dos seus senhores.

Luis Augusto Wolm, 49 anos, pratica Kung Fu há 37 anos e conta que ensina a fragilidade do corpo aos seus alunos para se resguardar a saúde e defender a família. Segundo ele, na China não existem grandes anúncios das academias dizendo "venha fazer Kung Fu", mas sim pequenas placas, o que significa que a intenção não é aprender a brigar. "Eu tive alunos que chegaram aqui para aprender a brigar, mas foram ficando mais leves e serenos. Machucam-se menos os que voam baixo", comenta.



VENCER As crianças aprendem que é necessário disciplina e respeito para superar os desafios da vida

E em geral é isso o que buscam aqueles que procuram as academias: serenidade e equilíbrio emocional. Esse é o caso de Marcos Paulo da Silveira, 31 anos. Ele pratica Kung Fu há cerca de um ano e se diz muito mais tranquilo, disciplinado e concentrado.

Algumas crianças encontraram nas artes marciais uma filosofia, como Johann Silveira, 9 anos, que pratica o Karatê há dois anos porque, além de fazer bem à saúde, ele acredita que o

esporte vai ensiná-lo a enfrentar todos os problemas que vai encontrar durante a vida.

Carlos Henrique Bittencourt, o Bigú, 42 anos, é conhecedor de diversas artes marciais. Já praticou Judô, luta Greco-Romana e hoje dá aulas de Muay Thai, ou Boxe Tailandês, do qual já foi campeão fluminense. O mestre prega que a humildade e o respeito são princípios básicos da sabedoria, e que levar a luta para a rua só em último caso, quando não houver opção. "Eu

prego um lema para os meus alunos que diz, verás que um filho teu não foge à luta, mas nem todos merecem a honra do combate."

O professor de Karatê Ely Schmidt, 38 anos, comenta que quem procura briga não dura muito nas boas academias. "A pessoa que briga é insegura, e sente a necessidade de se autoafirmar. Os alunos não são treinados para isso. A arte marcial ensina a defesa, e não o ataque", explica.

Arte macial nas telas de Hollywood

Desde a década de 60 o cinema americano importa heróis orientais

IVAN FAVERO

Filmes de luta sempre marcaram época. A indústria do cinema de olho neste imenso mercado distribuiu golpes durante décadas, criou ídolos, e importou do oriente as artes marciais que surpreendem e encantam os espectadores.

Um dos pioneiros a utilizar o Kung Fu nas telas dos cinemas foi o ator sino-americano Bruce Lee. Apesar de morrer aos 32 anos, Bruce deixou um legado de mais de 25 filmes, muitos deles repletos das mais performáticas cenas de lutas das décadas de 60 e 70.

No clássico *Fúria do Dragão* de 1972, Bruce Lee desafia toda uma escola de artes marciais no Japão por estar escrito na entrada da academia que chineses não eram bem vindos. A



HOMENAGEM Bruce Lee é lembrado pelos cineastas contemporaneos

cena do ator batendo em cerca de 30 lutadores ao mesmo tempo esta disponível no site Youtube com o título "*Bruce Lee VS Japanese School*".

O diretor americano Quentin Tarantino recentemente se inspirou nos filmes antigos de Kung Fu para produzir *Kill Bill*, prova disso que a atriz Uma Thurman utiliza uma roupa amarela com listra preta igual a que Bruce Lee usa em *Jogo da Morte*.

Os novos filmes possuem estilos mais vigorosos, empregam movimentos de câmera mirabolantes, zoom, efeitos de luz, incríveis composições de cores e rigorosa distribuição de corpos no espaço.

Os estúdios americanos descobriram na Ásia a matéria-prima para a renovação da aventura nas telas. Nomes como Jackie Chan, Jet Li, Tony Leung, Chun Yun Fat e Zhang Ziyi foram globalizados.

Muay Thai

A arte dos oito membros

Uma das mais poderosas lutas de contato também foi levada ao cinema, o Muay Thai, também conhecido como Boxe Tailandês, que se caracteriza por utilizar os "oito membros": joelhos, cotovelos, pernas e punhos.

O estilo foi aparecendo aos poucos nos filmes. Em *Kickboxer, o desafio do Dragão*, de 1989, o ator Van Damme já ensaiava algumas caneladas nas palmeiras da Tailândia e nos rostos dos adversários.

Atualmente o ator Toni Jaa assumiu o papel de principal difusor do estilo nas telas. Pelo fato de ser lutador profissional de Muay Thai na vida real, os filmes de Tony Jaa mostram movimentos elaborados de luta que se aproximam da realidade. Ele protagonizou dois filmes em que demonstra suas técnicas, *Ong-Bak* de 2003 e *O protetor* de 2005. (IF)



DEDICAÇÃO Bigú (preto) e um dos alunos no treino de Muay Thai

Ousadia e destino na vida de Olívio Lamas

Fotógrafo idealista falece aos 58 anos, em Santa Catarina, com parte da história do Brasil capturada por suas lentes

ANNELIZE CONTI

Nos quase 40 anos como fotojornalista, Olívio Lamas acompanhou o desenrolar da história brasileira. Presenciou a ditadura militar e o acovardamento de grande parte da imprensa diante dela. Viu a transição para um regime democrático e as mudanças sociais profundas que a modernidade causou. Como petista convicto, cobriu a primeira campanha eleitoral vitoriosa de Luiz Inácio Lula da Silva. Faleceu aos 58 anos, em Garopaba, litoral sul de Santa Catarina, em 23 de junho, vítima de câncer no intestino.

Foi com o trabalho de office-boy no jornal Zero Hora, em Porto Alegre, que Lamas descobriu sua vocação. "Ele viu um painel de fotos do jornal e decidiu que queria ser fotógrafo", conta Elizabeth Carvalho Rocha, sua companheira por 32 anos. Serviu cafezinhos e fez serviços gerais até que conseguiu uma vaga de auxiliar no laboratório fotográfico do jornal gaúcho. A oportunidade de praticar o que aprendeu foi numa madrugada em que estava no jornal. Um dos fotógrafos do plantão faltou e quem o substituiu foi Lamas. "Já naquela primeira vez ele trouxe um material bom", orgulha-se Elizabeth.

Toda sua carreira foi marcada por estas coincidências. Certa vez, andava pelo pátio do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão repressivo do governo brasileiro durante a ditadura, numa ronda noturna como fotógrafo, quando uma bolinha de papel caiu em sua cabeça. Era um bilhete de frei Beto, à época preso, avisando do seu paradeiro. "Naquele período, os presos eram sempre transferidos de um lugar para o outro. Não se sabia exatamente o paradeiro de ninguém", explica Elizabeth. Com um furo de reportagem em mãos, Lamas não teve dúvidas, avisou o jornal Zero Hora, que mudou a capa da edição do dia seguinte. "Essa história marcou muito o Olívio e acredito que o frei Beto também. Quem sabe ele não estivesse vivo se não fosse o acaso". O encontro emocionado e a apresentação formal entre o fotógrafo e o preso político só aconteceram muitos anos depois, em 2002, durante a campanha de Lula.

Prêmio consolação

Era dezembro de 1987. Lamas trabalhava na sucursal pau-



LAMAS 68 anos de câmera e ideais

“O trabalho de um repórter fotográfico é trazer para a redação a melhor foto do que está acontecendo”

OLÍVIO LAMAS
fotógrafo



PETISTA O fotógrafo acreditava na esperança de Lula e realizou-se ao cobrir a campanha do atual presidente

lista do diário carioca O Globo. A pauta sobre doenças epidemiológicas tinha como referência o Hospital Emílio Ribas, que estava com dois andares misteriosamente interditados. Mais tarde se descobriu que eram aqueles andares que ficavam os pacientes com AIDS, onde ninguém sem autorização poderia entrar. O fotógrafo frequentou o hospital durante quase uma semana e percebeu que durante o almoço havia uma brecha na segurança daqueles andares. Lamas entrou nos andares proibidos. Em um dos quartos, encontrou um portador do vírus HIV em estado terminal. As fotos feitas



PRÊMIO Foto de aidético terminal rendeu frustração e troféis para Lamas



CANSAÇO Lamas e Stegemann durante cobertura no oeste catarinense



CANSAÇO Lamas e Stegemann durante cobertura no oeste catarinense

no encontro foram compradas por vários veículos do país, mas nenhum quis publicar por ser "chocante demais".

No entanto, o retrato não ficou na gaveta por muito tempo. No começo do ano seguinte, Lamas reclamou ao amigo Maneca Canabarro, então editor da revista Imprensa, que ninguém tinha dado espaço para a sua foto. Maneca disse a Lamas que iria publicar, bastava que o fotojornalista escrevesse um depoimento. A foto ocupou uma página inteira da edição de fevereiro de 1988, acompanhada de um questionamento do autor: "O que choca mais? A foto ou a AIDS?". Assim, Lamas e a revista Imprensa receberam três prêmios: Esso de Jornalismo, Kodak-Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) e Herzog de Direitos Humanos.

Do Brasil para Garopaba

Em 1988, Lamas decidiu abandonar os grandes centros urbanos. Mudou-se para Garopaba, litoral sul catarinense. Durante os 19 anos que viveu lá foi free-lancer para o Jornal do Brasil e fez fotos para a revista Globo Rural.

Em 2002, convidado pelo jornalista Ricardo Kotscho, foi repórter fotográfico do presidencial Lula. O fotógrafo petista via um sonho seu se transformar em realidade. Junto com Cláudio Cerri, percorreu o país em busca de pautas que refletissem o povo brasileiro.

Lamas acreditava em um jornalismo comprometido com a verdade, que está a serviço do que parece certo e não age por dinheiro. "Ele via o jornalismo como uma forma de mudar o mundo", afirma a viúva.

Olívio Lamas foi fruto de uma época de grandes desafios. As dificuldades dos anos 70 o ajudaram a desenvolver criatividade para superar os obstáculos que sempre apareceram. Enquanto foi editor de foto no jornal O Globo, distribuía as pautas de maneira justa, mesmo tendo sofrido na mão de editores que sempre guardavam o "filé" para si. Acreditava na força do sindicato como espaço para manifestação de idéias e não apenas como "despachante de luxo" dos jornalistas. "Nunca teve medo de se posicionar e achava absurda essa censura chapa branca nas redações, onde quem está insatisfeito não pode reclamar, pois senão está fora", diz Elizabeth.